



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA

ISABELLA GARCIA RIBEIRO

**ANÁLISE DA ÁREA DE CONCENTRAÇÃO DE VESTÍGIOS CULTURAIS NO
SÍTIO ARQUEOLÓGICO CACAU DO CAJU – ITAGIBÁ, BA**

GOIÂNIA – GO

2021

ISABELLA GARCIA RIBEIRO

**ANÁLISE DA ÁREA DE CONCENTRAÇÃO DE VESTÍGIOS
ARQUEOLÓGICOS NO SÍTIO ARQUEOLÓGICO CACAU DO CAJU –
ITAGIBÁ, BA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado
a Escola de Formação de Professores e
Humanidades, sob orientação da Profa. Dra.
Rosiclér Theodoro da Silva e co-orientação do
Prof. Dr. Julio Cezar Rubin de Rubin.

GOIÂNIA – GO

2021

Monografia apresentada como requisito necessário para obtenção do título de Bacharel em Arqueologia. Qualquer citação atenderá as normas da ética científica.

Isabella Garcia Ribeiro

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em ____/____/____

Profa. Dra. Rosiclér Theodor da Silva (Orientadora)
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

1º Examinadora: Profa. Me. Ludimilia Justino de Melo Vaz
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

2º Examinadora: Profa. Me. Cristiane Loriza Dantas
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Agradecimentos

Sou grata a Profa. Rosiclér por ter me orientado ao longo de dois anos e contribuído tanto para minha vida pessoal, quanto para a vida acadêmica, me ensinando lições valiosas e me apoiando quando necessário.

Agradeço ao Prof. Julio por todas as aulas, orientações, conversas descontraídas e debates teóricos que me motivaram a ser uma pesquisadora melhor.

Agradeço imensamente ao corpo docente do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, que me formaram como arqueóloga. Agradeço aos professores Bertin, Dulce, Ernesto, Leila, Loriza, Ludimilia, Maira, Marisa, Marlene, Matheus, Pedro Cáceres, Sibeli e Simone, por terem doado seu conhecimento e dedicado seu tempo me ensinando tudo de valioso que aprendi nos últimos 3 anos e meio.

Agradeço aos meus avós João e Helena, meus pais Leonardo e Daniella, meus tios, tias e primos que apoiaram a minha formação de todas as formas possíveis.

Sou grata a Pedro Henrique por ter estado presente na maior parte desta jornada, e que além de incentivar e apoiar, também me reergueu em diversos momentos.

À Eloah, Janine e Sarah pela amizade e apoio. Sempre me lembrarei de vocês.

Agradeço a Susan Valtuille por todo o apoio que me prestou, tanto nas questões acadêmicas quanto pessoais, além de ter aberto as portas de sua casa para mim.

Agradeço a Junior Pereira, Carlos Diones e Vinicius Esperança por terem assistido e apoiado todo meu processo de formação acadêmica.

Agradeço à Ronaldo, Richard, Denis e Moraes por todas as horas de conversas no Discord, que me divertiram em momentos extremamente necessários.

Agradeço a Raquel pelas correções e apoio moral ao trabalho.

Agradeço a Geralt de Rívia, Cirilla Fiona, Eivor, Aloy e Naruto Uzumaki, por terem me ensinado a nunca desistir dos meus objetivos.

Agradeço a Griphus Consultoria Ltda, por todo o material e apoio fornecido no decorrer desta pesquisa.

Agradeço a PUC Goiás pelo vestibular social que me permitiu cursar Arqueologia. Também agradeço a OVG pela bolsa social e ao CNPQ pela bolsa de iniciação científica.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem por objetivo realizar uma análise da área de concentração de materiais arqueológicos multi-componenciais no sítio arqueológico Cacau do Caju, Itagibá-BA, além de um levantamento do contexto etno-histórico da região do sítio. Foram propostas e discutidas três hipóteses para a formação dessas áreas de concentração, levando em consideração fatores antrópicos e naturais.

Palavras chaves: Análise espacial; Áreas de concentração de material arqueológico; Arqueologia na Bahia; Sítio Arqueológico Cacau do Caju.

ABSTRACT

This present work aims to analyze the area of concentration of multi-component archaeological materials in the Cacau do Caju Archaeological Site, Itagibá-BA, in addition to surveying the ethno-historical context of the site's region. Three hypotheses for the formation of these concentration area were proposed and discussed, taking into account anthropic and natural factors.

Keywords: Spatial analysis. Areas of concentration of archaeological material. Archeology in Bahia. Cacau do Caju Archaeological Site.

Lista de figuras

| | |
|---|----|
| Figura 1 – Localização do Complexo Mirabela (sítio Mirabela 1 - 10). Fonte: Google Earth, 2021, modificado. | 15 |
| Figura 2: Esquematização da Abordagem Tradicional Geral. Fonte: Borges (2000, p. 26). | 30 |
| Figura 3: Esquematização da Abordagem Sistêmica. Fonte: Borges, (2000, p. 26). | 31 |
| Figura 4: Esquematização da gramática das relações analíticas da Morfologia Cultural, Ecologia Cultural e Etnologia Cultural. Fonte: SILVA, GONZÁLEZ (1983, p. 132). | 36 |
| Figura 5: Municípios da Bahia afetados pelo empreendimento da FIOLE. Fonte: Silva (2018). | 40 |
| Figura 6: Hidrografia do estado da Bahia. Fonte: UNEB Jacaraci, 2009 acesso em 08/04/2021 as 13:45. | 41 |
| Figura 7: Registros fotográficos da Fazenda Bom Sucesso. Fonte: GRIPHUS (2009). | 42 |
| Figura 8: Ecossistemas do Nordeste brasileiro. Fonte: Etchvarne& Pimentel (2011). | 44 |
| Figura 9: Peças do Tipo 1. Fonte: GRIPHUS (2009) modificado. | 52 |
| Figura 10: Peças do Tipo 2. Fonte: GRIPHUS (2009) modificado. | 52 |
| Figura 11: Peças do Tipo 3. Fonte: GRIPHUS (2009) modificado. | 53 |
| Figura 12: Peças do Tipo 4. Fonte: GRIPHUS (2009) modificado. | 53 |
| Figura 13: Peças do Tipo 5. Fonte: GRIPHUS (2009) modificado. | 54 |
| Figura 14: Peças do Tipo 6. Fonte: GRIPHUS (2009) modificado. | 54 |
| Figura 15: Peças do Tipo 7. Fonte: GRIPHUS (2009) modificado. | 55 |
| Figura 16: Peças do Tipo 8. Fonte: GRIPHUS (2009) modificado. | 55 |

| | |
|--|----|
| Figura 17: Peças do Tipo 9A. Fonte: GRIPHUS (2009) modificado. | 56 |
| Figura 18: Peças do Tipo 9B1. Fonte: GRIPHUS (2009) modificado. | 56 |
| Figura 19: Peças do Tipo 9B2. Fonte: GRIPHUS (2009) modificado. | 57 |
| Figura 20: Relação entre a localização do Sítio Cacau do Caju com o mapa etnográfico de Curt Nimuendaju. Fonte: Google Earth (2021). Nimuendaju (2017). Modificado. | 61 |
| Figura 21: Área do Sítio Cacau do Caju. Fonte: GRIPHUS (2009). | 67 |
| Figura 22: Sondagens e poços testes no Sítio Cacau do Caju. Fonte: GRIPHUS (2009). | 68 |
| Figura 23: Área de concentração de material cerâmico. Fonte: GRIPHUS (2009). | 69 |
| Figura 24: Área de concentração de material lítico. Fonte: GRIPHUS (2009). | 70 |
| Figura 25: Área de concentração de material ósseo. Fonte: GRIPHUS (2009). | 71 |
| Figura 26: Área de concentração de material histórico. Fonte: GRIPHUS (2009). | 72 |
| Figura 27: Área de concentração total. Fonte: GRIPHUS (2009). | 73 |
| Figura 28: Vestígios de uma estrutura arquitetônica através de imagem do ano de 2007. Fonte: Google Earth (2021). Modificado. | 74 |
| Figura 29: Vestígios de uma estrutura arquitetônica através de imagem do ano de 2014. Fonte: Google Earth (2021). Modificado. | 74 |
| Figura 30: Vestígios de uma estrutura arquitetônica através de imagem do ano de 2017. Fonte: Google Earth (2021). Modificado. | 75 |
| Figura 31: Cota topográfica na área do sítio Cacau do Caju. Fonte: topographic-map. Acesso em 22/05/2021, 23:04. | 76 |
| Figura 32: Localização do sítio Cacau do Caju na Carta Topográfica topográfica de Ipiaú (1977). Escala: 1:100 000. Fonte: SUDENE (1977). | 77 |
| Figura 33: Exemplificação de um Vale | 77 |

Figura 34: Elevação do solo referente ao traço em branco na área do sítio. Fonte: Google Earth (2021). Modificado..... 78

Lista de Gráficos

| | |
|---|----|
| Gráfico 1 - Classes mais expressivas do material lítico | 45 |
| Gráfico 2 -Classes de cerâmica das peças analisadas do sítio arqueológico Cacau do Caju, Itagibá/BA. | 47 |
| Gráfico 3 -Tempero (Intencional) das peças analisadas do sítio arqueológico Cacau do Caju, Itagibá/BA. | 47 |
| Gráfico 4 -Técnicas de manufatura das peças analisadas do sítio arqueológico Cacau do Caju, Itagibá/BA. | 48 |
| Gráfico 5 --Tipos de queima das peças analisadas do sítio arqueológico Cacau do Caju, Itagibá/BA. | 49 |
| Gráfico 6 -Tipos de decoração (plástica, pintada e não identificada) das peças analisadas do sítio arqueológico Cacau do Caju, Itagibá/BA. | 50 |
| Gráfico 7Tipos Decorativos | 58 |

Lista de quadros

| | |
|--|----|
| Quadro 1 -Antropólogos norte-americanos estruturalistas | 28 |
| Quadro 2 -Siglas utilizadas para análise das categorias líticas..... | 44 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 14 |
| CAPÍTULO 1 - ASPECTOS TEÓRICOS: UMA CONTEXTUALIZAÇÃO DO PENSAMENTO PROCESSUAL NA ARQUEOLOGIA | 17 |
| 1.1. Um prefácio da Arqueologia Processual | 19 |
| 1.2. Funcionalismo e Funcionalismo-Estrutural na Antropologia..... | 20 |
| 1.3. Funcionalismo na Arqueologia | 23 |
| 1.4. Estruturalismo | 25 |
| 1.5. Estruturalismo Francês | 26 |
| 1.6. Estruturalismo Norte-Americano | 27 |
| 1.7. A Antropologia Econômica francesa – Marxismo Estrutural..... | 29 |
| 1.8. Teoria geral de sistemas (TGS) | 30 |
| 1.9. Arqueologia espacial..... | 34 |
| 1.10. Uma reflexão sobre o registro arqueológico na visão de Gardin e Gallay..... | 36 |
| CAPÍTULO 2 - CARACTERIZAÇÃO CULTURAL DA ÁREA DE ESTUDO | 39 |
| 2.1. O Sítio Arqueológico Cacau do Caju..... | 41 |
| 2.2. O Material Lítico | 44 |
| 2.3. A cerâmica Arqueológica | 46 |
| 2.4. Tipologia de padrões decorativos | 51 |
| 2.5. A Tradição Ceramista Tupiguarani..... | 58 |
| 2.6. A Etnografia e a Caracterização dos Grupos Tupi-Guarani | 60 |
| CAPÍTULO 3 - MATERIAIS E MÉTODOS..... | 63 |
| CAPÍTULO 4 - RESULTADOS E DISCUSSÕES | 66 |
| CAPÍTULO 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS | 80 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 81 |

INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi executado sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Rosiclér Theodoro da Silva e co-orientação do Prof. Dr. Julio Cezar Rubin de Rubin, e é fruto de dois planos de trabalhos de iniciação científica (IC) categorizados como sub projetos dentro de um projeto maior cujo título é “Projeto de Levantamento, Salvamento e Monitoramento Arqueológico da Ferrovia de Integração Oeste-Leste Figueirópolis/To - Ilhéus/Ba (Fiol)”.

O primeiro plano de trabalho foi executado no período de Agosto de 2019 a Agosto de 2020, e intitulado “Variações no Padrão Decorativo da Tradição Tupiguarani dos Sítios Arqueológicos Identificados na FIOLE e Entorno”, onde foi realizada uma análise da decoração pintada do sítio arqueológico Cacau do Caju (também denominado Mirabela 6), resultando na elaboração de uma tipologia, visto que há uma diversidade insigne de padrões decorativos, que despertou a necessidade de melhor compreender sobre o grupo que ocupou o sítio. Neste contexto foram propostas hipóteses para averiguar fatores que poderiam ter influenciado essa diversidade decorativa.

A segunda IC compreende o período de Agosto de 2020 a Agosto de 2021. Como no projeto anterior foi proposto uma hipótese de contato entre grupos étnicos a partir da variabilidade decorativa da cerâmica, resultando na segunda IC, que buscou abordar um estudo do contexto étnico-histórico da região de transição litoral-zona da mata do estado da Bahia.

Por conseguinte, o objetivo deste TCC é fazer uma análise da área de concentração de vestígios arqueológicos no sítio Cacau do Caju¹., visando formular hipóteses sobre a influência natural e antrópica na formação do registro arqueológico, multicomponencial, bem como de questões referentes ao contexto étnico e histórico do sítio. O acesso limitado aos dados foi um desafio para a

¹ Apenas reforçando, este sítio também é denominado de Mirabela 6, e a partir deste momento será mencionado como Sítio Arqueológico Cacau do Caju ou simplesmente Sítio Cacau do Caju.

pesquisa, porém, este trabalho também objetiva demonstrar a importância de compreender os fenômenos que impactam a formação de um sítio arqueológico.

O sítio Cacau do Caju localiza-se nas coordenadas UTM 24L 393470/8365610 (WGS 84) é caracterizado como um sítio lito-cerâmico a céu aberto, identificado na etapa de prospecção do “Projeto de Levantamento do Patrimônio Arqueológico e Cultural da Área Afetada pela Implantação de uma Lavra de Minério de Níquel”, realizado pela empresa Griphus Consultoria Ltda no ano de 2006, e resgatado posteriormente pela mesma no “Projeto Mirabela: Programa de Resgate do Patrimônio Arqueológico e Cultural da Área Afetada pela Implantação de uma Lavra de Minério de Níquel” em 2009 (GRIPHUS, 2009).

O sítio se localiza no município de Itagibá, porção central do estado da Bahia, região Nordeste do Brasil. Segundo dados e informações contidas no relatório, foram identificados neste empreendimento um total de 10 sítios arqueológicos, portanto, trata-se de um complexo de sítios, onde será abordado apenas o sítio Cacau do Caju pela significância da cultura material apresentada. (Figura 1),



Figura 1 – Localização do Complexo Mirabela (sítio Mirabela 1 - 10). Fonte: Google Earth, 2021, modificado.

Apesar de se tratar de um complexo de sítios, o sítio Cacau do Caju se apresenta isolado dos demais, porém eventualmente pode se relacionar com o sítio Mirabela 8, conforme constatado através de caminhos que possivelmente ligariam os dois sítios além do fator da visibilidade (PELLINI, 2008).

No TCC havia previsão de realizar uma vista a campo, com o objetivo de conhecer o local, observar a paisagem e os elementos geográficos (como relevo e vegetação) que poderiam proporcionar uma nova perspectiva para este trabalho, porém, devido a pandemia do COVID-19 não foi possível executá-la.

O sítio Cacau do Caju possui alto potencial para pesquisas arqueológicas, tanto na questão da cultura material quanto espacial. Com a execução deste trabalho, pretende-se produzir informações que possam contribuir futuramente para pesquisas que venham a ser executadas na região.

Este TCC encontra-se estruturado em cinco capítulos. No primeiro capítulo será realizada uma contextualização teórica que tem como objetivo apresentar o pensamento teórico no qual se baseiam as interpretações apresentadas nessa pesquisa. O segundo capítulo se refere à contextualização e à caracterização ambiental e cultural do sítio, e apresenta uma discussão do contexto etno-histórico da região de transição litoral-zona da mata do estado da Bahia. No terceiro capítulo são abordados os materiais e métodos. O quarto capítulo apresenta os resultados obtidos e discussões. No quinto capítulo são estabelecidas as considerações finais.

CAPÍTULO 1 - ASPECTOS TEÓRICOS: UMA CONTEXTUALIZAÇÃO DO PENSAMENTO PROCESSUAL NA ARQUEOLOGIA

A arqueologia é uma ciência baseada em contextos. Se um fragmento cerâmico é identificado numa escavação, é necessário saber qual sua posição vertical na estratigrafia, assim como seu contexto espacial horizontal e sua relação com os outros materiais arqueológicos encontrados na escavação. Os arqueólogos também buscarão compreender qual o contexto do sítio arqueológico em que esse conjunto de materiais está inserido, e se estiver nas proximidades de outros sítios, poderá ser estudada a relação entre os mesmos. A arqueologia então, conta com dois importantes elementos que direcionam as pesquisas e auxiliam nas comparações de dados e informações: o espaço e o tempo.

O 'espaço' foi um elemento presente na maioria das pesquisas arqueológicas, e começa a ganhar destaque no histórico-culturalismo que tinha como objetivo principal organizar as culturas no espaço-tempo. A compreensão do espaço é fundamental para identificar e compreender os movimentos migratórios e a transmissão de traços culturais entre grupos numa macrorregião, um exemplo disso são as áreas culturais de Kroeber (1948) desenvolvidas para a América do Sul e Brasil, com atenção especial para a floresta amazônica. As correntes difusionistas e migracionistas então, utilizaram do espaço para compreender os movimentos culturais numa área delimitada (TRIGGER, 2004).

Na década de 60, com a 'Nova Arqueologia' o espaço tomou outras dimensões nas pesquisas arqueológicas, assim como o meio ambiente. Os próprios conceitos que foram baseados nas ciências geográficas e da terra, passam a ser amplamente discutidos e adquirem características próprias quando utilizados dentro da arqueologia, por isso ao longo deste capítulo serão discutidos autores de outras ciências, como o caso de Carlos (2002) que atua nas ciências geográficas, Miller (2019) que vem da antropologia, Araújo e Gouveia (2016) que trabalham nas ciências da computação e alguns outros.

As mudanças do ponto de vista das pesquisas arqueológicas são relativamente inconstantes, pois as maneiras de se analisar algo assumem diferentes formas ao longo do tempo, por exemplo, nas ciências geográficas que assumem um caráter cumulativo (histórico), social (dinâmico), relativo e desigual, ao mesmo tempo contínuo/descontínuo (CARLOS, 2002). É importante pensar nesse caráter cumulativo trazido das ciências geográficas por Carlos, pois aqui parte-se de uma perspectiva processual que Hodder (1988), criticou por possuir um certo absolutismo do positivismo lógico, colocando as verdades como “absolutas” e até generalizantes. Trigger (2004) ainda discorre que ao contrário do que muitos arqueólogos pensam, nem sempre os dados e informações arqueológicas assumem esse caráter cumulativo, apresentando uma visão antagônica à anterior.

Apesar do pós-processualismo considerar os conhecimentos arqueológicos como fruto de interpretações que são relativas à ideologia e experiência de cada pesquisador, o processualismo estrutural vê o conhecimento como algo a ser “construído” dentro das estruturas da ciência moderna positivista, onde a acumulação desses conhecimentos resultaria no desvendar dos ‘mistérios’ por trás das estruturas da mente humana que norteiam o caráter comportamental como será mencionado posteriormente através da perspectiva de Lévi-Strauss.

Em um contexto epistemológico processualista baseado principalmente no funcionalismo, estruturalismo, teoria geral de sistemas, ecologia cultural, e positivismo lógico, surge o que foi denominado de arqueologia espacial (TRIGGER, 2004).

O objetivo deste capítulo é fazer um apanhado de conceitos das correntes que fundamentam as abordagens e interpretações nesse TCC. Isso se justifica, pois, este trabalho trata especialmente de uma pesquisa interpretativa, portanto, é importante explicar o norteamento do pensamento o qual está fundamentado. A seguir, será apresentada a construção dessa arqueologia através da influência de diversas teorias e pensamentos teóricos.

1.1. Um prefácio da Arqueologia Processual

No início da década de 1940 alguns arqueólogos se mostraram insatisfeitos com a arqueologia taxonômica que focava de forma limitadora nas análises histórico-culturais, sendo assim começaram a repensar os propósitos e objetivos da arqueologia como um todo (MILLER, 2019).

Julian Steward se uniu com o arqueólogo F.M Setzler e afirmou que “a maioria dos arqueólogos se encontram tão imersos nas minúcias que nunca se engajaram com os objetivos maiores da Arqueologia” (WILLEY; SABLOFF, 1974, *apud* MILLER, 2019). De acordo com Steward, a arqueologia deveria se preocupar muito mais com as mudanças socioculturais do que com o simples mapeamento de distribuição espacial e temporal das culturas, ainda afirma que os arqueólogos

Deveriam perguntar sobre a base de subsistência tanto quanto a forma de pontas de flecha ou os desenhos sobre a cerâmica. Deveriam procurar informações sobre o tamanho das populações humanas através do examinar das potencialidades para a subsistência ou por estudos de padrões de assentamento (WILLEY; SABLOFF, 1974, p. 133 *apud* MILLER, 2019, p. 117).

A Arqueologia então passou a ser duramente criticada, tanto por suas limitações nas interpretações, quanto por suas motivações e até mesmo a falta de um aparato teórico que fundamentasse o seu trabalho. Ainda de acordo com Miller (2019), Kluckhohn considerava que os dados coletados empiricamente com objetivos históricos, não serviam para fins científicos e que os pesquisadores deveriam buscar interpretar dois aspectos:

- **Comportamento cultural:** Estudado a partir da reconstituição dos contextos passados e pela interpretação funcional dos materiais arqueológicos neste mesmo contexto.
- **Processo cultural:** Explicado através das leis que regulam o processo de evolução cultural, baseando-se no neo-evolucionismo.

Como uma crítica e negação à historiografia o processualismo então propõe explicações generalizantes para compreender os aspectos gerais e até universais da sociedade. A analogia também foi um elemento presente na arqueologia processual, tendo sido difundida por Binford que estabelecia em

meados do século XX uma Teoria de Médio Alcance que ganhou o nome de Etnoarqueologia, a qual utilizava de dados etnográficos para interpretar os contextos arqueológicos (SILVA, 2009).

O processualismo, por ter surgido em um contexto capitalista, olhou para o passado humano dentro de uma perspectiva moderna e estabeleceu fundamentos como o Princípio do Menor Esforço de Zipf (ZIPF, 2016). Os estudos processuais têm como elementos fundamentais as áreas de captação de matéria prima, o estudo do gasto de energia e propõem interpretações baseadas num raciocínio lógico moderno sobre as sociedades antigas (TRIGGER, 2004).

1.2. Funcionalismo e Funcionalismo-Estrutural na Antropologia

Em meados do século XIX, o arqueólogo, historiador e político dinamarquês chamado Jens Jacob Asmussen Worsaae, afirma que os vestígios arqueológicos devem ser estudados considerando seu contexto paleoambiental, e para executar sua ideia trabalhou em conjunto com biólogos e geólogos (TRIGGER, 2004). A influência de Worsaae consolidou uma tradição escandinava na arqueologia que perdura até os dias de hoje, na qual os pesquisadores estudam fatores como as glaciações e outras mudanças climáticas, assim como as relações entre fauna, flora e o uso da terra pelos seres humanos (TRIGGER, 2004).

No mesmo contexto cronológico de Worsaae, o historiador da Universidade de Oxford, Edwin Guest, defende que o elemento fundamental para a compreensão da história da Inglaterra seria a geografia britânica. Logo depois, o geógrafo de Oxford, Halford John Mackinder, argumentou que a localização geográfica de uma nação em relação às outras, desempenhava papel fundamental na influência de sua história político-econômica (TRIGGER, 2004).

Um outro fator que forneceu uma nova perspectiva para a pesquisa arqueológica foi o 'reconhecimento aéreo' realizado durante operações militares no período da Primeira Guerra mundial (CRAWFORD, 1923 *apud* TRIGGER,

2004). Esta tecnologia permitiu o mapeamento da distribuição de artefatos arqueológicos, possibilitando estudos de períodos específicos e a reconstrução dos padrões paleoambientais de determinado local (TRIGGER, 2004).

O interesse cada vez maior em explorar a relação humano-natureza impulsionou o surgimento de uma abordagem funcional que exploraria aspectos básicos do comportamento das sociedades humanas dentro de seu contexto ambiental. Inicialmente acreditava-se que a natureza impunha limites, limitando assim as adaptações possíveis, porém, não determinava a natureza específica da resposta adaptativa das sociedades a esses limites. Essas concepções seguiam os fundamentos da geografia humana do final do século XIX e início do século XX, fortemente influenciadas por Paul Vidal de La Blanche, famoso possibilista ambiental (TRIGGER, 2004). No século XX o funcionalismo é representado por Bronislaw Malinowski, e o funcionalismo estrutural por Alfred Reginald Radcliffe-Brown (MILLER, 2019).

Malinowski, antropólogo considerado um dos pais da antropologia social, atuava na *London School of Economics* e foi considerado fundador da escola funcionalista. Radcliffe-Brown, antropólogo e etnógrafo britânico, foi um dos únicos cientistas de sua época a contestar os antropólogos por desenvolverem comparações para elaborar teorias de processo sociocultural (MILLER, 2019).

Segundo o funcionalismo de Malinowski, a cultura e suas instituições (ou sociedade de acordo com Radcliffe Brown) é um sistema adaptativo, o qual se adapta às pessoas, instituições e fatos sociais. Essa adaptação desenvolve-se em processos de curto prazo, considerando que todas as partes da cultura ou da própria estrutura social estão interrelacionadas e interdependentes (MILLER, 2019).

Deste modo uma alteração numa determinada área provoca consequentemente alterações em cadeia nas outras áreas (ou instituições), as quais possuem cada uma sua própria função, que Malinowski via como o resultado socialmente almejado pela população de uma instituição, enquanto Radcliffe-Brown via como a contribuição parcial de uma determinada coisa (costume, instituição, prática, ideia, ritual), para a manutenção do sistema total no qual ela se insere (MILLER, 2019). A “função” Malinowski define como “o

efeito integral das atividades” e destaca a sua distinção do “estatuto”, que seria o “propósito reconhecido do grupo” (MALINOWSKI, 1970, *apud* MILLER, 2019).

No funcionalismo entretanto observa-se que a ênfase desta perspectiva se encontra na manutenção do sistema, que evita rupturas e tensões que poderiam provocar um problema. Esta manutenção se dá pela substituição dos elementos efêmeros, ou seja, os próprios membros da sociedade que nascem, crescem, reproduzem e morrem. A estrutura social destes sistemas é mantida quando os indivíduos morrem, passam sua função para outro membro do sistema que a incorpora, desta forma, a estrutura se mantém permanente (MILLER, 2019).

Seguindo uma perspectiva neoevolucionista, Radcliffe Brown compreendia a vida social humana como um sistema que possuía quatro pilares de sustentação, sendo eles estrutura, função, processo e valor (STANNER, 1955, *apud* MILLER, 2019).

- **Estrutura:** conceituada como a organização dos grupos baseado em suas noções de território, parentesco, política etc., onde as inter-relações destes elementos constitui o núcleo socio estrutural.
- **Função:** seria a contribuição dos organismos que constituem o sistema, para a manutenção do mesmo.
- **Processos:** Os processos seriam a função das adaptações ecológicas e econômicas para sustentar a estrutura social.
- **Valor:** segue a hipótese do interesse, onde esse seria uma relação entre sujeito e objeto (ou outro sujeito) e o ajuste quando o sujeito interessado agrega um certo valor ao objeto de interesse.

Em 1941, Radcliffe-Brown confessa que sua abordagem funcional-estrutural não possui uma boa capacidade explanatória, como abordado em Miller (2019):

[...] ‘Como é que os Omaha – ou qualquer tribo considerada – têm o sistema (de parentesco) que têm?’ – então é óbvio que o método de análise estrutural não proporciona uma resposta. Embora aqui tenha chegado a um paralelo com os boasianos, o mesmo autor ainda considera que o método estruturo-funcional é o único pelo qual se pode esperar chegar a generalizações válidas sobre a natureza da sociedade humana. (MILLER, 2019, P. 110).

A Antropologia Social britânica recusou-se então a admitir que formas biológicas e socioculturais incluem diversos exemplos de estrutura funcionais, todas fadadas a extinção. Na ausência de dados diacrônicos, torna-se impossível compreender quais sistemas seriam mais funcionais nas condições específicas de sua evolução (MILLER, 2019).

1.3. Funcionalismo na Arqueologia

O funcionalismo entra tardiamente na arqueologia norte-americana antes mesmo do surgimento do neo-evolucionismo e tem grande influência das correntes funcionais dos antropólogos Ralph Linton & Clyde Kluckhohn (MILLER, 2019).

Essa corrente dentro da arqueologia tem como foco principal compreender os aspectos contextuais dos fenômenos funcionais, e conta com a colaboração de diversas áreas da ciência como a botânica, (pesquisando a domesticação de plantas), palinologia (ajudando a reconstituir paleoambientes), geomorfologia, química, física nuclear (datações radiocarbônicas) etc (MILLER, 2019).

É importante ressaltar que a chegada do funcionalismo na arqueologia não demarca o fim das pesquisas arqueológicas convencionais de construir sínteses espaço-temporais para regiões e áreas do Novo Mundo, (WILLEY; SABLOFF, 1974, p. 132 *apud* MILLER, 2019).

A partir da década de 40, John W. Bennett começa a desenvolver um conjunto de trabalhos os quais afirmava ter como objetivo compreender o “desenvolvimento na interpretação funcional dos dados arqueológicos” e “a interação da cultura com o ambiente nas sociedades”. A partir disso surgiram conceitos utilizados até hoje como: aculturação, padrão de subsistência e cultos religiosos (MILLER, 2019).

Rouse (1939) adverte que a cultura não pode ser inerente aos artefatos, e sim deve estar na relação entre os indivíduos que o fabricaram, e o próprio produto dessa ação. Seria no caso “um padrão de significado que os artefatos

possuem, não sendo os artefatos em si” (ROUSE, 1939 *apud* WILLEY; SABLOFF, 1974, p. 136-7).

De acordo com Miller (2019) apesar de pesquisadores como Bennet utilizarem o rótulo da Arqueologia Funcional, o conceito de função dos norteamericanos nunca foi claro ou específico, incluindo coisas que se caracterizam como ecologia cultural ou padrões de assentamento. Por fim, arqueologia funcional foi uma categoria aberta onde era incluso tudo que não fosse simplesmente taxionomia ou sequências temporais.

Um dos objetivos da arqueologia funcionalista seria compreender os padrões de assentamento dos povos antigos. De acordo com Willey e Sabloff (1974), padrão de assentamento é a maneira na qual os humanos se relacionam e se dispõem na paisagem que estão inseridos, referindo-se também as moradias, em sua natureza e disposição no espaço da comunidade. Esses assentamentos seriam o reflexo do ambiente natural, nível tecnológico e da interação das instituições e demais estruturas sociais de cada cultura.

Muitos estudos começaram a ser executados levando em conta os ideais de Steward, que influenciou por exemplo, Gordon Willey. Na Amazônia brasileira a arqueóloga Betty Meggers e seu companheiro Clifford Evans utilizavam o ambiente como fator determinante para explicar o não-desenvolvimento de grandes civilizações ali como o exemplo das sociedades andinas, apesar de utilizar a cerâmica para relacionar os traços culturais dos povos indígenas da Amazônia com uma herança andina (KAULICKE, 2013).

Leslie White também iniciou os trabalhos ligados a arqueologia funcional, porém devido a corrente boasiana ter muitos apoiadores na comunidade científica, trabalhos como o de White foram negligenciados e só passaram a ter relevância a partir da década de 60 (MILLER, 2019).

A análise espacial da arqueologia, utiliza do funcionalismo ao fazer uma relação inter-sítios, compreendendo a função dos mesmos dentro de um sistema maior, além de poder utilizar de uma análise intra-sítio para interpretar a função das estruturas e lugares dentro de um sistema menor (CLARKE, 1978). A ideia de sistema será abordada posteriormente.

1.4. Estruturalismo

De acordo com uma crítica de Foucault (2005), o estruturalismo foi um pensamento formal que fora do campo da linguística foi utilizado por muitos autores que sequer sabiam o que isso significava. Foucault explica que o “movimento estruturalista” que surgiu na França por volta dos anos 60 foi um esforço realizado por países do Leste para se libertar do dogmatismo marxista, para ele, este movimento foi uma nova modalidade do pensamento estruturalista original da linguística de Saussure (FOUCAULT, 2005 *apud* BRANDÃO, 2015).

Ferdinand de Saussure, linguista suíço, possui uma obra – que é, na verdade, a publicação de seus cursos a partir de transcrições de suas aulas - que leva o nome *Cours de Linguistique* (SAUSSURE, 1971). Nele, autor concebe a linguagem como um sistema de significação. Tal livro serviu de base para o desenvolvimento do estruturalismo do século XX. (BRANDÃO, 2015, p 34-35).

Apesar de Saussure ser considerado o pai do estruturalismo, foi o linguista Roman Jakobson que utilizou este termo pela primeira vez em 1929 para designar “uma abordagem estruturo-funcional de investigação científica dos fenômenos, cuja tarefa básica consistiria em revelar as leis internas de um sistema determinado” (PETERS, 2000, p. 22 *apud* BRANDÃO, 2015). Levi Strauss afirmou mais tarde que as ciências sociais devem possuir capacidade de formular questões e fazer relações utilizando a abordagem estruturalista, pois isso significaria abrir novos horizontes para a investigação científica (MILLER, 2019). Trigger argumenta que

O estudo da padronização da cultura material foi fortemente influenciado pelo estruturalismo de Claude Lévi-Strauss, e particularmente por sua investigação dos padrões simbólicos subjacentes à mitologia nativa americana. Ponto fundamental nessa forma de análise é a convicção de que onde a riqueza e a variação do registro arqueológico são muito grandes para serem explicadas apenas como resposta a condicionamentos ou estímulos ambientais, fatores intrínsecos do sistema também devem ser levados em consideração (WYLIE, 1982 *apud* TRIGGER, 2004)

Lévi-Strauss foi um nome importante para o estruturalismo brasileiro, e em sua jornada pelo país em 1975, influenciou fortemente a Universidade de São Paulo e em menor grau a Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. David Mayberry-Lewis também foi um importante estruturalista no Brasil, e era um discordante de Lévi-Strauss (MILLER, 2019). Um dos efeitos positivos do enfoque estruturalista

[...] é que ele chamou a atenção dos arqueólogos para muitas categorias novas de dados a respeito das quais podem ser feitas generalizações empíricas. Seja como for, várias classificações têm perdurado por longos períodos, a despeito das grandes mudanças de interpretação. Trata-se de um forte indício de que elas se baseiam em observações empíricas razoavelmente objetivas. (TRIGGER, 2004, P. 182).

Este trabalho optou por abordar a corrente estruturalista por considerar importante a realização de uma análise das próprias estruturas teóricas presentes na interpretação empírica dos dados e que serão apresentadas no capítulo 4. Compreender e reconhecer essas estruturas que formam o pensamento do pesquisador é um fator fundamental para que se possa reconhecer as limitações dessas interpretações e deixar explícito ao leitor os caminhos que foram tomados até se chegar aos resultados. A arqueologia de acordo com Trigger (2004, p. 16-18) é, acima de tudo uma ciência social, e trata-se de pessoas estudando pessoas. Ideologias, experiências, preconceitos compõem um ser humano, e conseqüentemente um pesquisador, que tenta entender um outro ser humano que além de possuir suas próprias bagagens e vivências, é fruto de um contexto cultural diferente.

O estruturalismo é dividido em duas grandes 'escolas', a saber estruturalismo americano e o estruturalismo francês que serão apresentados a seguir.

1.5. Estruturalismo Francês

O estruturalismo francês que posteriormente se expandiu para outros países, baseou-se principalmente nas obras de Lévi-Strauss, o qual, procurava

buscar as “verdadeiras” verdades, escondidas nas estruturas universais (unidade psíquica) de origem arcaica (histórias conjecturais) que ele acreditava se manifestar nos sistemas clânicos (MILLER, 2019).

Para Lévi-Strauss a cultura seria um código a ser decifrado e tentou fazer isso reinterpretando dados etnográficos, o que o levou a ser duramente criticado com a justificativa de que estava “distorcendo os dados dos etnógrafos” (MILLER, 2019).

Apesar das críticas a respeito dos métodos interpretativos de Lévi-Strauss, seus estudos sobre o parentesco trouxeram contribuições magníficas para a antropologia ao expor os complexos sistemas de trocas matrimoniais principalmente entre ‘primos cruzados’. Ele também discute a necessidade social das culturas ao realizar o incesto, tabu entre ocidentais (MILLER, 2019).

Sahlins, um antropólogo norte-americano que aderiu aos ideais de Lévi-Strauss após ir para Paris. Ele desenvolveu um estruturalismo tipicamente francês, pois era fundamentado em dados históricos e etnográficos reais, porém interpretados, porém deixou de utilizar conceitos muito utilizados por Lévi-Strauss, como as “ginásticas mentais” e, utilizou “fatos demonstráveis” que eram considerados irrelevantes por seu mentor (MILLER, 2019).

1.6. Estruturalismo Norte-Americano

O estruturalismo americano na América do Norte foi chamado de “etnociência”, “etnosemântica”, “análise formal”, “análise componencial” ou simplesmente “a nova Etnografia”. Possui alguns pontos em comum com o estruturalismo francês (MILLER, 2019), dentre eles:

- O uso modelo linguístico;
- A preocupação com as atividades mentais dos indivíduos como forças que estruturam a cultura;
- Um enfoque de pesquisa voltado para a mente humana, e não para o mundo material;
- A visão da cultura como sendo um código a ser decifrado.

Os estruturalistas americanos (ver quadro 1) dispunham de uma abordagem operacional e metodológica extremamente científica (positivista) “cujos resultados sempre deveriam ser testados e verificados por outros pesquisadores, podendo estes obter os mesmos resultados ou refutá-los (“falsear”) através de testes de “adequação” (MILLER, 1991 *apud* MILLER, 2019). Pela primeira vez, surge uma metodologia para pesquisar conceitos êmicos e modelos mentais de maneira intersubjetiva. Lévi-Strauss, inclusive ia contra a ideia da falseabilidade declarando que nada na Antropologia pode ser nem verificada nem estudada através da metodologia científica (MILLER, 2019).

Quadro 1 -Antropólogos norte-americanos estruturalistas

| Antropólogo | Contribuições ou obras |
|--------------------|---|
| Harold Conklin | Estudos da agricultura de coivara e do sistema de classificação de plantas entre os hanunoo das Filipinas |
| Ward Goodenough | Análise Componencial (1956) |
| Charles Frake | O Estudo Etnográfico de Sistemas Cognitivos |
| Kenneth Pike | A Linguagem em Relação a uma Teoria Unificada da Estrutura do Comportamento Humano (1967) |

Dentre as contribuições dos estruturalistas americanos (que não se nomeavam assim) destaca-se

“... a de mostrar que todos os povos classificam os fenômenos do universo, e que as classificações nativas, embora pautadas por critérios diferentes dos da nossa ciência, são coerentes e, frequentemente, não somente práticas, mas até, às vezes, mais pormenorizadas de que as nossas classificações. Estas usam como critérios fundamentais a forma e a genética. Outros sistemas de classificação podem incluir o comportamento da espécie e a sua utilidade (MILLER, 2019, P. 132).

Na Arqueologia, James Deetz (pós-processualista) utilizou-se de uma abordagem que deve muito a essa escola. O autor, na sua análise formal, observa que “o total é mais de que a soma das suas partes e, enquanto a análise formal se concentra nas partes, o aspecto estrutural de um artefato reflete as

regras que governavam a combinação destes” (DEETZ, 1967, p. 83 *apud* MILLER, 2019).

No Brasil não houve trabalhos publicados com uma abordagem estruturalista norte-americana, porém muitas pesquisas seguiram os ideais da etnociência, que foi baseada no estruturalismo americano e que defendia que a multidisciplinaridade era a chave para estudar “o conhecimento e [...] as conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito da biologia. [...] do papel da natureza no sistema de crenças e de adaptação do homem a determinados ambientes” (POSEY, 1986, p. 15 *apud* MILLER, 2019).

1.7. A Antropologia Econômica francesa – Marxismo Estrutural

Influenciada pelo estruturalismo de Saussure, a Antropologia Econômica francesa seria uma abordagem estruturalista que levava em conta os ideais neomarxistas, sendo chamado por Marvin Harris de “Marxismo Estrutural” (HARRIS, 1979 *apud* MILLER, 2019).

Marxismo Estrutural é uma estratégia de pesquisa que combina certos aspectos do Estruturalismo com aspectos do Materialismo Dialético e Histórico. Marxistas estruturais expressam desprezo pelos materialistas culturais, chamando-os de materialistas “mecânicos”, “vulgares” e “assim-chamados marxistas”. No entanto, apresentam o Estruturalismo, com o seu descaso aberto do movimento evolucionário e de causalidade infraestrutural, como sendo uma abordagem genuinamente marxista da superestrutura (HARRIS, 1979, p. 216 *apud* MILLER, 2019).

O marxismo estrutural surgiu de certa forma como uma crítica ao estruturalismo tradicional, e afirma que os indivíduos atuam como agentes modificadores nas estruturas as quais estão sujeitos.

Essa corrente foi utilizada principalmente por arqueólogos pós-processualistas que repensaram o modo de se analisar a cultura material e as sociedades humanas, buscando uma reaproximação com as ciências humanas e o estudo do campo subjetivo que permeia a cultura (HODDER, 1994).

1.8. Teoria geral de sistemas (TGS)

A Teoria Geral de Sistemas (TGS), consolidou na ciência do século XX o paradigma da abordagem sistêmica, pautada na interpretação interdisciplinar dos sistemas, que eram majoritariamente considerados como abertos e interdependentes (ARAÚJO, GOUVEIA, 2016).

A noção de sistema já era trabalhada com René Descartes, que sob uma ótica cartesiana executava a abordagem clássica também conhecida como analítica, que partia de problemas menores e simples até os maiores e mais complexos (ARAÚJO, GOUVEIA, 2016).

Este paradigma de Descartes fomentava uma divisão, onde cada área específica do conhecimento teria seu próprio objeto básico de estudo específico (figura 2). Essa abordagem foi questionada quando na Física se descobriu uma partícula menor que o átomo e que era dificilmente descrita. Isso trouxe uma crise epistemológica para a forma como a ciência estuda e se desenvolve (ARAÚJO, GOUVEIA, 2016).

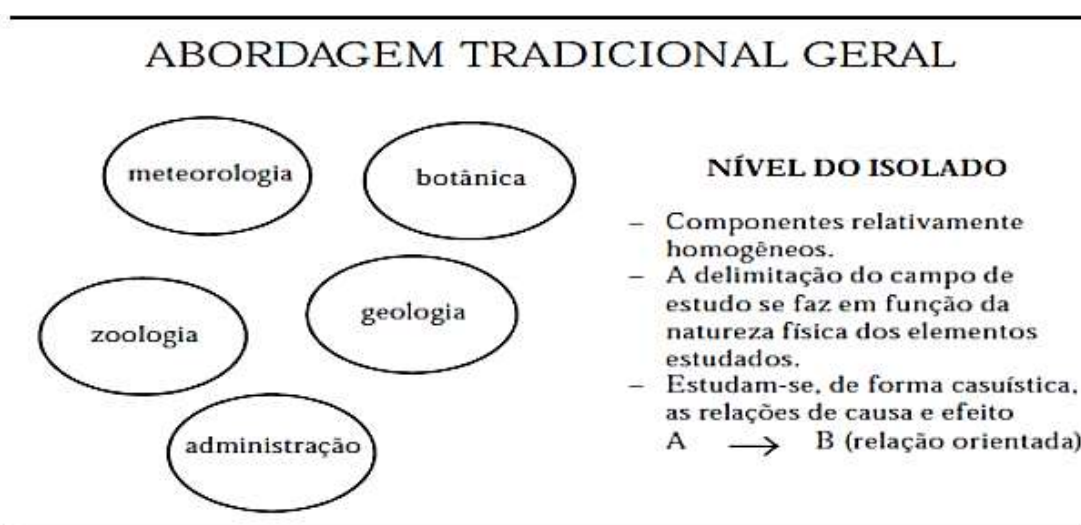


Figura 2: Esquematização da Abordagem Tradicional Geral. Fonte: Borges (2000, p. 26).

A abordagem sistêmica de certa forma, é antagônica a abordagem clássica, pois de acordo com a TGS, os elementos de um sistema são interdependentes e uma abordagem interdisciplinar seria a mais adequada para compreender como esses diferentes organismos se relacionam no sistema. Assim, gradativamente a abordagem sistêmica toma seu lugar nas pesquisas

acadêmicas, e toma por objetivo estudar a relação de cada elemento com os outros próximos, dentro de um sistema maior (ARAÚJO, GOUVEIA, 2016).

Enquanto a ciência tradicional se concentrava em estudar o funcionamento isolado dos diversos sistemas que formam um sistema em estudo, a abordagem sistêmica aborda a interação entre os sistemas menores uns com os outros e dos sistemas menores com o sistema maior, ou, o todo (figura 3), (ARAÚJO, GOUVEIA, 2016).

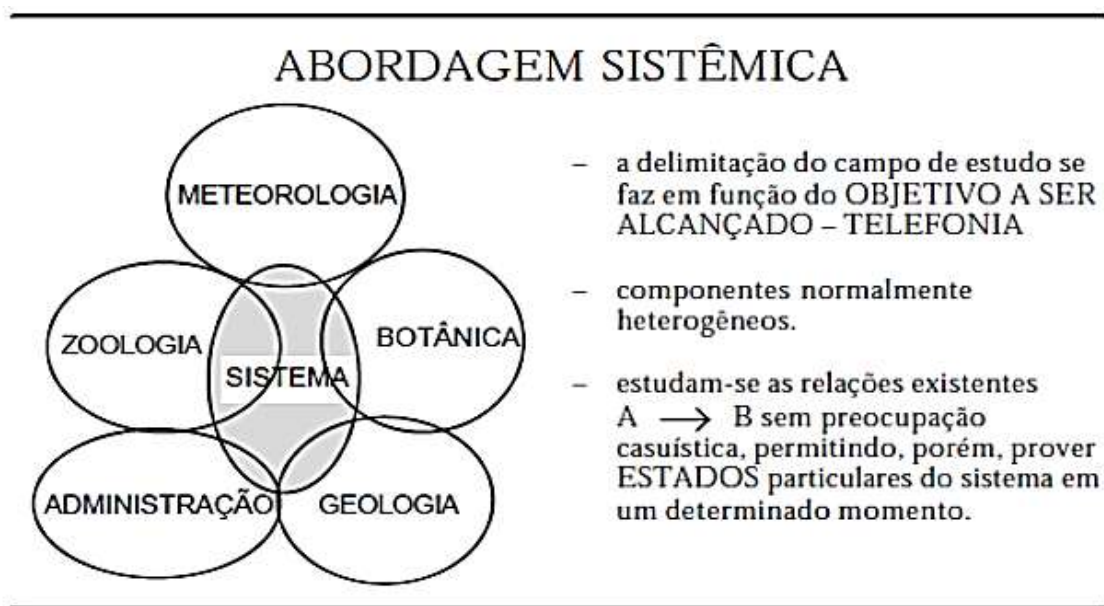


Figura 3: Esquemática da Abordagem Sistêmica. Fonte: Borges, (2000, p. 26).

Araújo e Gouveia (2016), explicam os pressupostos norteadores da abordagem sistêmica, baseando-se em Chiavenato (1983), são eles:

→ **Expansionismo:** Os sistemas são compostos por sistemas menores e interagem, entre si. De acordo com o princípio da interdependência, os sistemas podem ser decompostos para fins analíticos, mas não podem ser considerados independentes.

→ **Pensamento Sintético:** Se baseia na visão do expansionismo como filosofia. Para o pensamento sintético é importante compreender o papel que as partes desempenham no fenômeno maior.

→ **Teleologia:** Como os sistemas são partes de um todo maior, as causas não poderiam ser dadas como suficientes para um fenômeno acontecer. Tem-se então uma visão probabilística que reconhece os sistemas como abertos,

pois mantém seu contato com o meio externo e sofre influência dos outros sistemas, dificultando a relação causa-efeito entre os eventos. O sistema então é visto como algo dinâmico e mutável no qual as variáveis que influenciam os eventos, surgem e se transformam a todo momento.

Tendo compreendido os princípios da abordagem sistêmica, podemos correlacioná-la com a TGS.

Ludwig von Bertalanffy, um biólogo alemão, em 1950 começou a estudar a TGS “enquanto buscava um modelo científico explicativo do comportamento de um organismo vivo, abordando questões científicas e empíricas ou pragmáticas dos sistemas” (ARAÚJO, GOUVEIA, 2016).

Araújo e Gouveia (2016), baseando-se em Chiavenato (1993), explica que a TGS possui alguns pressupostos, a saber:

- Existe uma tendência para a integração das ciências sociais e naturais.
- Essa integração parece ser possível através da TGS.
- A TGS pode ser uma maneira abrangente de estudar a parte não-física do conhecimento, especialmente no caso das ciências sociais.
- A TGS aproxima-se do objetivo da unidade da ciência ao desenvolver princípios unificadores que atravessam os universos particulares de cada ciência.
- Essa interligação se mostra necessária no que tange a educação científica.

Ainda de acordo com Araújo e Gouveia (2016, p. 8), “qualquer conjunto de partes unidas entre si pode ser considerado como um sistema, se as relações entre as partes e o comportamento do todo seja o ponto principal abordado”. Por conseguinte, se um sistema interage com o meio externo ele é denominado “aberto”, essa interação se dá por troca de energia ou informação, designadas *input* ou *output*. Os canais que veiculam os *input* / *output* são denominados “canais de comunicação”.

A abordagem sistêmica aplicada a TGS possui uma visão holística de sistematização, tendo um método probabilístico e não-determinante ao considerar que o ambiente é potencialmente sem fronteiras, dinâmico e mutável,

entretanto, o comportamento das organizações e das pessoas que nelas atuam nunca é totalmente previsível (ARAÚJO, GOUVEIA, 2016).

Segundo Araújo e Gouveia (2016), a TGS no que tange aos sistemas abertos, pontua as seguintes generalizações:

- O todo é superior à soma das suas partes e tem características próprias;
- As partes integrantes de um sistema são interdependentes;
- Sistemas e subsistemas relacionam-se e estão integrados numa cadeia hierárquica;
- Os sistemas exercem auto regulação e controle, visando a manutenção do seu equilíbrio;
- Os sistemas influenciam o meio exterior e vice-versa (através do input/output de energia e informação);
- A auto regulação dos sistemas implica a capacidade de mudar, como forma de adaptação e alterações para com o meio exterior;
- Os sistemas têm a capacidade de alcançar os seus objetivos através de vários modos diferentes.

Chiavenato (1993) expõe que os sistemas possuem quatro características básicas, a saber: propósito ou objetivo; globalismo ou totalidade; entropia; e homeostasia. Todo sistema possui um propósito ou objetivo, no qual os elementos do sistema trabalham para que esse objetivo seja alcançado. O princípio da totalidade, visa que qualquer alteração em qualquer unidade dos sistemas afetará o sistema como um todo. A entropia é a tendência dos sistemas de se desgastarem e desintegrarem, partindo para um afrouxamento dos padrões que resulta no aumento da aleatoriedade. A homeostasia acredita que os organismos possuem mecanismos que ajustam sua função quando a mesma começa a se desviar de seu estado natural.

Na arqueologia, portanto, a análise espacial inter sítio utiliza da TGS para compreender a relação entre os sítios arqueológicos numa determinada área, assim como interpretar o espaço com noções de território e territorialidade. É interessante ressaltar a semelhança da TGS com o Estruturalismo, quando estes são aplicados na arqueologia. De acordo com Hodder (1988, p. 50) “ambas se ocupam principalmente das interrelações entre entidades: o objetivo de ambas

é descobrir algum tipo de organização que nos permita acoplar todas as partes em um todo coerente”. Ainda segundo Hodder, afirmam/dizem desenvolver uma análise rigorosa dos dados observáveis, e, que estruturas e esquemas conceituais possuem caráter empírico e mensurável.

1.9. Arqueologia espacial

A discussão teórica realizada até agora fornece um aparato para que se compreenda a rede de pensamentos que culminou na arqueologia espacial. David Clarke em seu livro “Towards Analytical Archeology: New Directions in the Interpretative Thinkings in British Archeologists” (1978), faz uma análise das diretrizes da arqueologia britânica, enquanto monta uma proposta de arqueologia analítica

Dentro do paradigma interpretativo britânico, Clarke expõe três ‘posições’, que embora não sejam novas, adquiriram novas perspectivas através de suas articulações próprias que Clarke nomeia de ‘gramática’. De acordo com Silva e Gonzáles (1983), Clarke as compreende da seguinte maneira:

- **Morfologia Cultural:** É definido como o conjunto de estudos que visa a definição transcultural da morfologia estrutural das entidades arqueológicas em função de componentes, como: atributos, artefatos, tipos, culturas, grupos culturais e outros complexos artefatuais organizados de maneira ascendente.
- **Ecologia Cultural:** Estudos que buscam compreender a relação entre o material arqueológico e seu contexto ecológico, assim como as mudanças adaptativas destes artefatos que ocorrem de acordo com a variação temporal e espacial.
- **Etnologia Cultural:** Busca as relações da cultura material em seu contexto social. O propósito central da arqueologia para com a etnologia cultural é fazer uma interpretação sociocultural dos dados arqueológicos.

Essas três linhas de pensamento são apanhadas por Clarke e denominadas de “Nova Metodologia” para a arqueologia, onde busca-se sistematizar um conjunto de métodos que sejam capazes de simular o fenômeno arqueológico (SILVA, GONZÁLES, 1983).

Para Clarke o que se extrai de um sítio arqueológico é um conjunto de materiais que fazem parte de um agrupamento de sítios, articulados em um complexo regional, onde pode-se obter um grupo de dados quantitativos utilizados para a interpretação das informações arqueológicas. Como se pode imaginar esses dados quantitativos eram interpretados através das tendências estatísticas, que permitiam identificar semelhanças e distinções de dados (SILVA, GONZÁLES, 1983).

O modo como os três enfoques se articulam numa interpretação, se dá diretamente em função de seus objetivos. Silva e Gonzáles (1983) os descreve da seguinte maneira:

- **Morfologia Cultural:** Abstrai os dados de seu contexto sociocultural e ambiental, analisando os artefatos conforme seus atributos de uma forma que evite que seus contextos não os distorçam.
- **Ecologia Cultural:** Analisa os dados em conformidade com suas relações com o meio no qual estão inseridos.
- **Etnologia Cultural:** Vê os vestígios arqueológico como um resíduo de atividades humanas, contudo, os dados não podem ser estudados se não estiverem em conformidade com seu contexto social.

Esses ‘dados’ mencionados no contexto das três abordagens citadas, majoritariamente se referem a materiais arqueológicos (coisas concretas), não obstante, as relações espaciais são construídas quando o pesquisador integra as três perspectivas e dá enfoque numa análise de estudo geral.

Os artefatos então são estudados sob três pontos de referência (SILVA, GONZÁLES, 1983):

- A relação dos artefatos com os artefatos.
- A relação dos artefatos com o meio ambiente
 - A relação dos artefatos com os grupos humanos.

A diferenciação desses campos de estudo se dá por motivos analíticos, no entanto, Clarke pontua que a unificação deles permite uma “unidade” dentro da informação arqueológica (SILVA, GONZÁLES, 1983). A figura 4 apresenta a esquematização das três perspectivas analíticas.

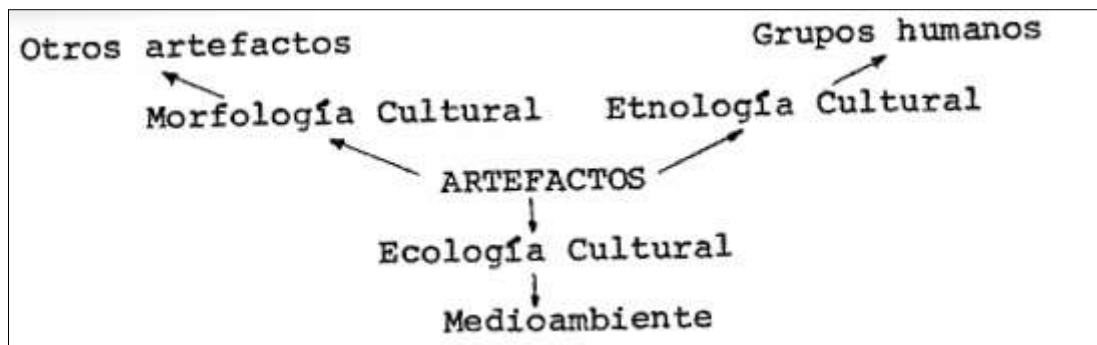


Figura 4: Esquematização da gramática das relações analíticas da Morfologia Cultural, Ecologia Cultural e Etnologia Cultural. Fonte: SILVA, GONZÁLEZ (1983, p. 132).

Em seu artigo “Informação Espacial em Arqueologia” (1977), Clarke faz uma integração de seus estudos anteriores e afirma que o aspecto central da arqueologia é a aquisição de informações a partir de relações espaciais de todos os tipos (SILVA, GONZÁLES, 1983). Sendo assim, a arqueologia espacial abarca os estudos de assentamentos, análise de sistemas de sítios, estudo de captação de matéria prima e estudos estratigráficos.

Clarke (1977) ainda define três níveis da arqueologia espacial, sendo eles:

- **Micro nível:** Se encontra em pequenas áreas delimitadas onde houve vestígio de presença humana no sítio.
- **Nível semi-micro:** Dentro do sítio arqueológico.
- **Macro nível:** Relações inter sítio.

Dentro deste contexto teórico, podemos caracterizar este TCC como uma análise do espaço num micro-nível, que parte de uma perspectiva da ecologia cultural visando compreender e formular hipóteses sobre a formação do registro arqueológico. A aplicabilidade desta análise será apresentada no capítulo 4.

1.10. Uma reflexão sobre o registro arqueológico na visão de Gardin e Gallay

Ao se analisar a cultura material arqueológica, os pesquisadores antes devem desenvolver reflexões teóricas que questionem as próprias estruturas da interpretação científica sobre o vestígio material. Como discute Gallay (2002), existem quatro patamares da cultura material: o objeto material, o vestígio

arqueológico conservado, o vestígio arqueológico observado e o vestígio arqueólogo estudado.

Para Gallay (2002) o objeto material é nada mais que um reflexo limitado de uma cultura que já foi viva, visto que agora, “os gestos que o animavam e as ideias que o justificavam desapareceram” (GALLAY, 2002, p. 36). Ainda segundo o autor, os vestígios conservados seriam a fração da cultura material de um povo, e que sobrevive devido as variáveis como as condições de conservação, temperatura etc. Ele ainda conceitua os vestígios descobertos como uma pequena parcela dos vestígios conservados. Frequentemente por razões de tempo e dinheiro, os arqueólogos estudam uma pequena parte dos vestígios observados, resultando no que chamamos de amostragem.

Gardin (2009) propõe uma terminologia que permite visualizar o quanto o registro arqueológico está sujeito as ações do tempo e nos permite sistematizar os conceitos apresentados por Gallay e citados anteriormente. Para isso, o autor menciona 4 patamares, numerados de P0, P1, P2 e P3.

→ **P0:** seria a representação da cultura viva no presente. Em uma sala com pessoas sentadas em cadeiras, conversando, tudo que ali vive e se faz presente seria a representação da P0, porém, 1 segundo depois essa P0 não existiria mais, pois já seria o passado. A P0 representa o imediatismo, um lapso temporal passageiro, semelhante ao que conhecemos como “agora”.

→ **P1:** é o patamar que Gardin denomina de população observável, ou, aquilo que foi conservado, o próprio registro arqueológico que se mantém intacto antes de qualquer tipo de intervenção. É uma fração daquilo que um dia foi P0, e que agora após processos deposicionais e ação de diversas intempéries naturais e antrópicas, resultou num depósito de informações do que já foi vivo.

→ **P2:** foi denominada pelo autor de população observada, ou seja, aquilo que foi identificado. Não é comum (e nem recomendado) que um sítio arqueológico seja 100% escavado, visto que após os avanços tecnológicos, metodológicos e até teóricos, novas pesquisas são realizadas a fim de fazer uma releitura dos dados arqueológicos. Portanto, acessamos uma parcela daquilo que restou da P0, sendo uma fração do que é realmente a P1.

→ **P3:** Gardin (2002) discute que a P3 é a representação da cultura material estudada, visto que nem tudo que observamos, coletamos. E nem tudo que

coletamos, analisamos. A amostragem é um método comum nas pesquisas arqueológicas, porém, mais uma vez fragmentamos dados já fragmentados e estudamos uma ínfima representação do que um dia foi uma totalidade.

Gallay (2002) utiliza dos conceitos apresentados anteriormente para fazer uma reflexão e até mesmo uma crítica questionando se as informações da P3 seriam realmente representativas da P0.

O objetivo de mencionar Gallay e Gardin nesse TCC por outro lado, não se trata de criticar métodos de amostragem, ou a própria ciência arqueológica, e sim fazer uma reflexão sobre como são importantes os estudos referentes a formação de sítios, devido a fragilidade dos vestígios perante os processos que estruturam e formam o registro arqueológico. Nesta pesquisa, buscamos propor hipóteses sobre a transição de P0 para P1, no sítio Cacau do Caju.

CAPÍTULO 2 - CARACTERIZAÇÃO CULTURAL DA ÁREA DE ESTUDO

Arqueólogos estimam que as primeiras ocupações humanas no nordeste brasileiro tenham sido por volta de 40 mil anos A.P. no estado do Piauí, onde grupos teriam chegado pela bacia do São Francisco e depois se espalhado pelas bacias hidrográficas menores até cerca de 18 mil anos A.P. (AZEVEDO NETTO, *et al* 2009).

O sudoeste baiano foi alvo de estudos desde os anos de 1960, e estas pesquisas estimaram uma datação da região tendo ocorrido há no mínimo 12-11 mil anos A.P. (RIBEIRO, 2006). Entretanto, apesar de ter havido estudos sistemáticos na área desde 60, a trajetória fragmentada destes trabalhos impediu a Universidade Federal da Bahia de consolidar uma tradição de pesquisas na área (ETCHVARNE, 1999-2000).

A datação de ocupação humana no estado da Bahia recua até 11 mil anos A.P., porém alguns sítios apresentam datações mais antigas. Martin (1996) em sua obra, faz uma relação de sítios com suas respectivas cronologias, onde apresenta o sítio BA-RC-28 com datações de 43 mil anos A.P., esse sítio se localiza na cidade de Coribe, distante 698km de Itagibá (município da área de estudo deste TCC). Os demais sítios antigos citados pela autora, são distantes da área de estudo sendo o mais próximo a 282km, e, portanto, não foram considerados para estimar uma datação relativa.

O “Projeto de Levamento, Salvamento e Monitoramento da Ferrovia de Integração Oeste-Leste Figueirópolis/TO a Iheus/BA” possui 1.526km de extensão e abrange municípios do estado de Tocantins, Goiás e Bahia (Figura 5). Estima-se que na área do empreendimento existam cerca de 194 sítios arqueológicos, dentre os quais, 144 localizam-se no estado da Bahia (SILVA, 2018).

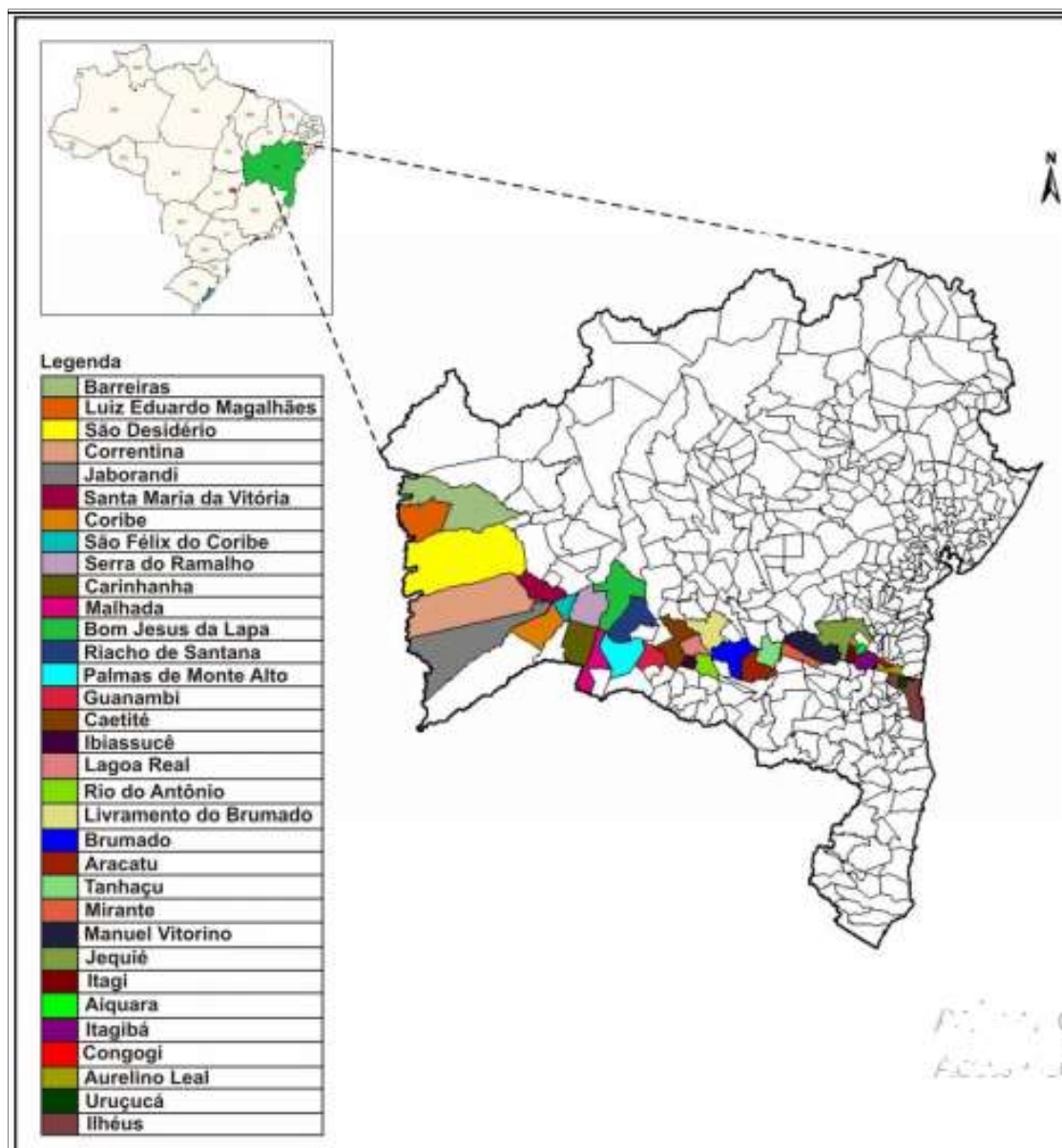


Figura 5: Municípios da Bahia afetados pelo empreendimento da FIOLE. Fonte: Silva (2018).

Segundo informações do relatório FIOLE, foram identificados sítios arqueológicos nas cidades de Jequié (um sítio) e Ipiaú (um sítio), distantes 68Km e 24Km, respectivamente, e que não se apresentam cadastrados no CNSA/IPHAN para o Estado da Bahia. Contudo no CNSA/IPHAN consta um sítio cerâmico denominado de “Fazenda da Prata”, porém não foi possível se obter maiores informações para efetuar contextualizações.

2.1. O Sítio Arqueológico Cacau do Caju

O sítio Cacau do Caju situa-se em um vale delimitado por duas encostas no distrito de Itapemirim, zona rural do município de Itagibá, no estado da Bahia, região nordeste do Brasil. Nas proximidades do sítio, foram identificadas pequenas drenagens, e a menos de 3km há o Rio de Contas (Figura 6).

Figura 6 – Hidrografia do estado da Bahia



Figura 6: Hidrografia do estado da Bahia. Fonte: UNEB Jacaraci, 2009 acesso em 08/04/2021 as 13:45.

O sítio Cacau do Caju localiza-se no perímetro da fazenda Bom Sucesso, (Figura 7) uma antiga propriedade formada por um conjunto arquitetônico de porte médio característico da cultura cacauzeira. O local é habitado pela família do Sr. Antônio Chagas de Lisboa, que chegou na propriedade há aproximadamente 50 anos, em uma fase de abundância e prosperidade (GRIPHUS, 2009).

Esta propriedade como muitas outras, sofreu a crise do cacau dos anos 1980/1990 quando houve a disseminação de um fungo conhecido como Vassoura-de-bruxa, ou no linguajar científico, *Crinipellis perniciososa* (GRIPHUS,

2009), que foi responsável por destruir grande parte das lavouras cacaeiras, porém, outros fatores também influenciaram esta crise, tais como baixa de preços do produto e a política cambial (ROCHA, 2013). Como a tentativa de renovar os pés de cacau de baixa produtividade fracassou, as estruturas arquitetônicas do local foram abandonadas, inclusive, a própria casa sede da fazenda encontrava-se em ruínas por volta de 2009 (GRIPHUS, 2009).

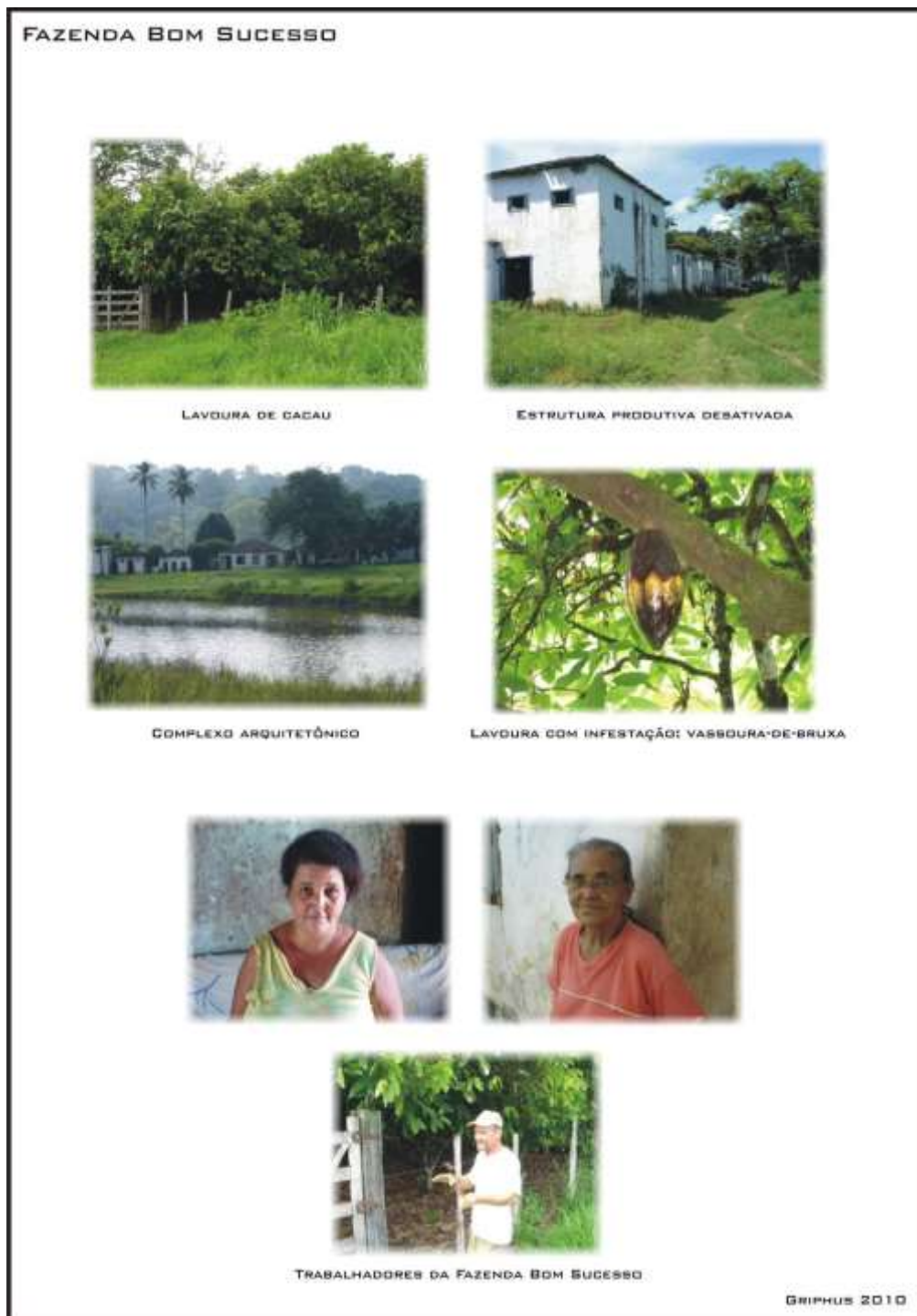


Figura 7: Registros fotográficos da Fazenda Bom Sucesso. Fonte: GRIPHUS (2009).

A vegetação na área do sítio é composta por mata aberta, pastagem e capoeira. Nas proximidades da fazenda observa-se uma plantação de coco e cacau. No segmento do vale onde localiza-se o sítio, encontram-se pequenos morrotes que possuem vegetação mais densa (GRIPHUS, 2009). A área sofreu ações antrópicas que incluem queimada, formação de pastagem, agropecuária, agricultura de cacau e coco, construção de residências, cercas e estradas; o que acarretou numa movimentação do solo e prejudicou a identificação de materiais na superfície e sub superfície (GRIPHUS, 2009).

Antes da ocupação da área do sítio por sertanejos e pela população neobrasileira, a área era coberta pela Mata Atlântica (figura 8), que foi explorada desde a invasão dos portugueses no século XVI, contudo, a intensificação das atividades de exploração e das atividades agrícolas ocorreu apenas a partir do Império (1822-1889) e da Primeira República (1889-1930) e implicou diretamente na aceleração do processo de destruição deste ecossistema (BARRETO, 2013).

A região onde se apresenta o sítio Cacau do Caju, provavelmente começou a sofrer um processo intensivo de antropização a partir do século XVIII, quando se inicia o cultivo de cacau no estado da Bahia (ROCHA, 2008), isso implica não só na impactação do solo pela agricultura em si, mas também pela construção de residências e estradas. O próprio sítio é afetado por uma estrada que o atravessa ao meio, e segue em sentido oeste para a sede da Fazenda Santo Antônio e no sentido leste segue para a sede da Fazenda Bom Sucesso (GRIPHUS, 2009).



Figura 8: Ecossistemas do Nordeste brasileiro. Fonte: Etchvarne& Pimentel (2011).

2.2. O Material Lítico

Segundo a análise de Souza (In: GRIPHUS, 2008) apresentada no relatório final do projeto Mirabela, no sítio Cacau do Caju foram resgatadas um total de 250 objetos líticos dentre os quais 150 foram analisados. A análise optou pela metodologia de utilizar siglas para as categorias líticas (quadro 2).

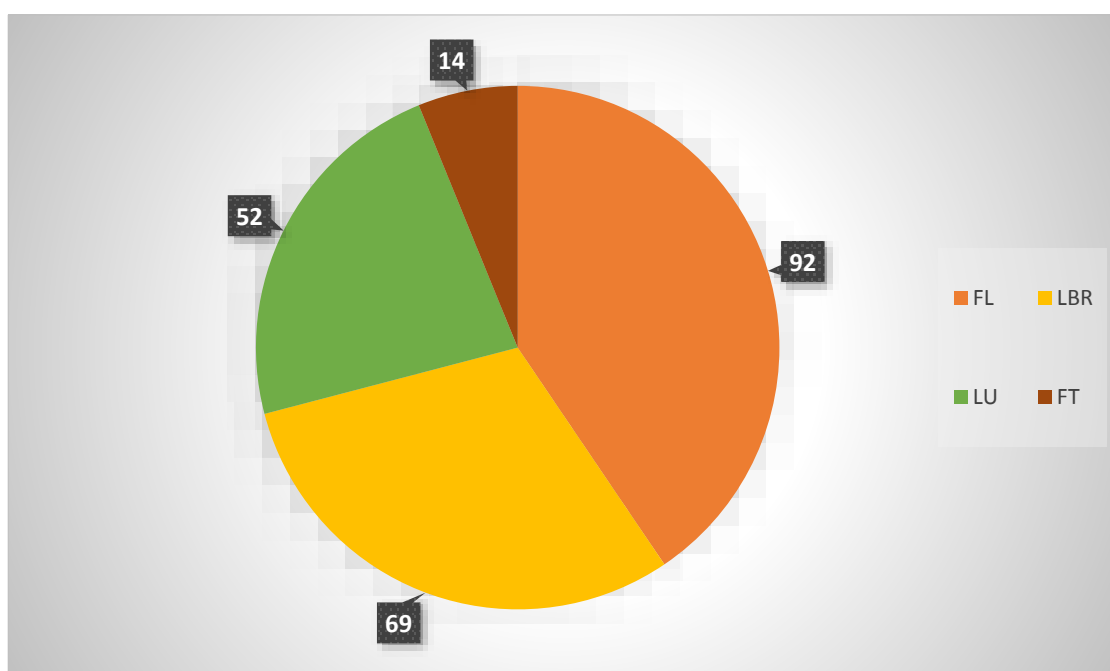
Quadro 2 -Siglas utilizadas para análise das categorias líticas

| SIGLA | CORRESPONDÊNCIA |
|-------|-----------------|
| LBR | Lítico bruto |
| LU | Lasca unipolar |
| LB | Lasca bipolar |

| | |
|-----|---------------------------------|
| NU | Núcleo unipolar |
| FL | Fragmento de lasca |
| FT | Fragmento térmico |
| IGR | Instrumento de gume retocado |
| ML | ML = Micro lascas |
| ISA | Instrumento de superfície ativo |
| CA | Casson |
| MPR | Matéria-prima com retirada |
| IGP | Instrumento de gume polido |
| AR | Arenito |
| AS | Arenito silicificado |
| BAS | Basalto |
| GR | Granito |
| QH | Quartzo hialino |

A maior parte desses objetos foram classificados como fragmentos de lasca (92 peças), seguido por lítico bruto (69), lasca unipolar (52) e fragmento térmico (14) (Gráfico 1), os instrumentos representam uma parcela muito modesta da totalidade dos objetos líticos (GRIPHUS, 2009). As classes mais expressivas foram exemplificadas no Gráfico 1.

Gráfico 1 - Classes mais expressivas do material lítico



De acordo com a análise dos dados apresentados no relatório pode-se concluir que:

- O grupo que ocupou este sítio possuía técnicas de polimento, já que foi identificado um instrumento de gume polido em diabásio;
- O grupo também retocava gumes com alguma frequência, visto que foi identificado um instrumento de gume retocado em sílex;
- Os lascadores possivelmente faziam experimentações, visto que foram identificadas 'matérias primas com retirada' (MPR) que não se enquadravam tecnologicamente como núcleos e nem como instrumentos (GRIPHUS, 2009, p. 263), sendo compostas por negativos dispostos aleatoriamente, indicando a possibilidade de serem reserva de matéria prima que foram testadas para verificar a qualidade do sílex;
- As lascas bipolares sugerem que o grupo realizava lascamento sob bigorna;
- A identificação de um percutor de seixo confirma que alguns lascamentos eram executados com auxílio de percutor duro.

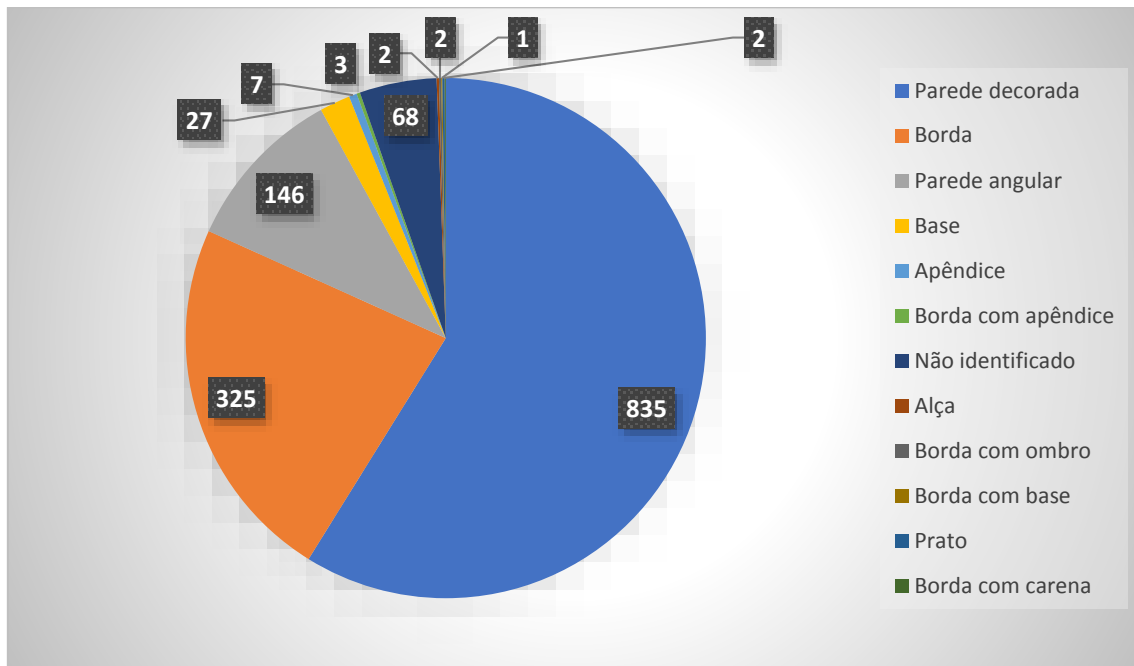
As lascas unipolares são em maioria de matéria-prima de sílex (61,5%), apresentando também cerca de 21,1% em arenito, arenito silicificado ou algum dos três tipos de quartzo (hialino, leitoso ou fume) (GRIPHUS, 2009), ou seja, 84,6% das lascas foram confeccionadas em matéria-prima de boa qualidade para lascamento, um fator curioso é que foram identificadas três peças de granito (5,7%), consideradas matérias-primas pouco adequadas para lascar, porém, se havia boa matéria-prima na área, por que este grupo utilizou granito? Talvez por um fator cultural ou simbólico.

O fato de terem sido identificados nove tipos de matéria prima sugere que o grupo teria diversas fontes de captação de matéria-prima, ou uma fonte heterogênia (GRIPHUS, 2009).

2.3. A cerâmica Arqueológica

O sítio Cacaú do Caju possui uma coleção cerâmica constituída por 5.684 peças onde foi feita uma amostragem de análise em 1.419 foram (25% do total) (GRIPHUS, 2009). As classes identificadas estão representadas no gráfico 2.

Gráfico 2 -Classes de cerâmica das peças analisadas do sítio arqueológico Cacau do Caju, Itagibá/BA.

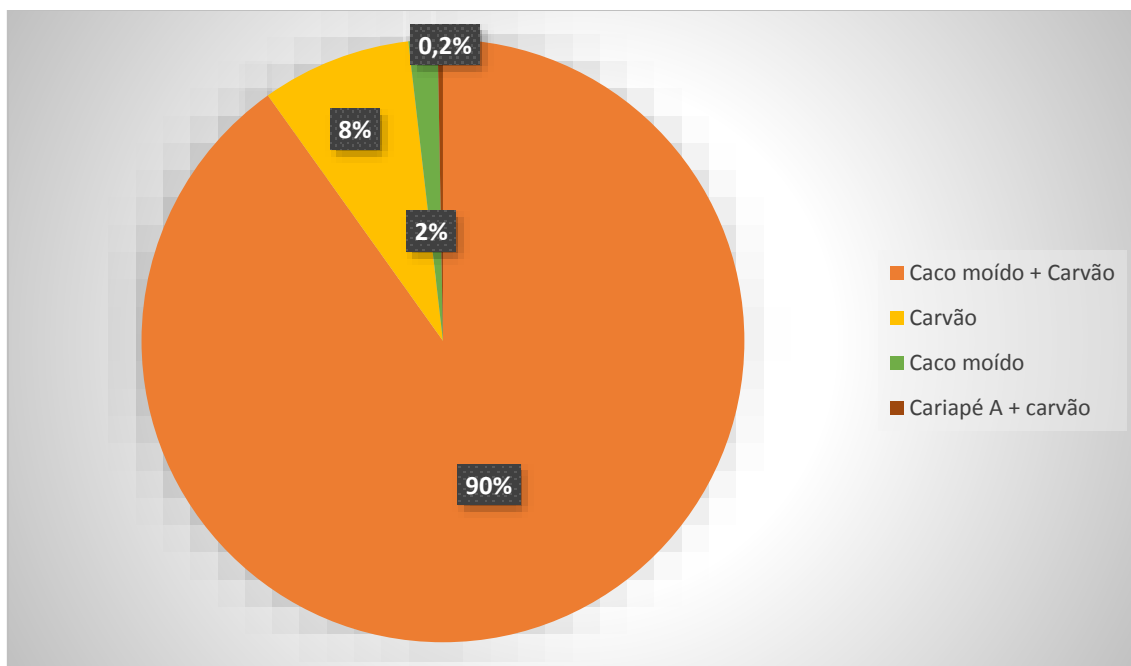


De acordo com o gráfico 2 foram identificadas 12 classes, sendo elas:

- 835 paredes decoradas (59%)
- 325 bordas (23%)
- 146 paredes angulares (10%)
- 68 não identificadas (4,8%)
- 27 bases (2%)
- 7 apêndices (0,5%)
- 3 bordas com apêndice (0,2%)
- 2 alças (0,14%)
- 2 bordas com ombro (0,14%)
- 2 pratos (0,14%)
- 1 borda com base (0,07%)
- 1 borda com carena (0,07%)

De acordo com o Gráfico 3, foram identificados três tipos de temperos na cerâmica pré-colonial do sítio, sendo eles: carvão, caco moído e cariapé A. Estes aparecem da seguinte forma: caco moído associado ao carvão (1279 peças); apenas caco moído (22 peças); apenas carvão (114 peças). O cariapé 'A' aparece em minoria (4 peças). É interessante notar que em 98% dos fragmentos há presença de carvão, e 92% o caco moído (GRIPHUS, 2009).

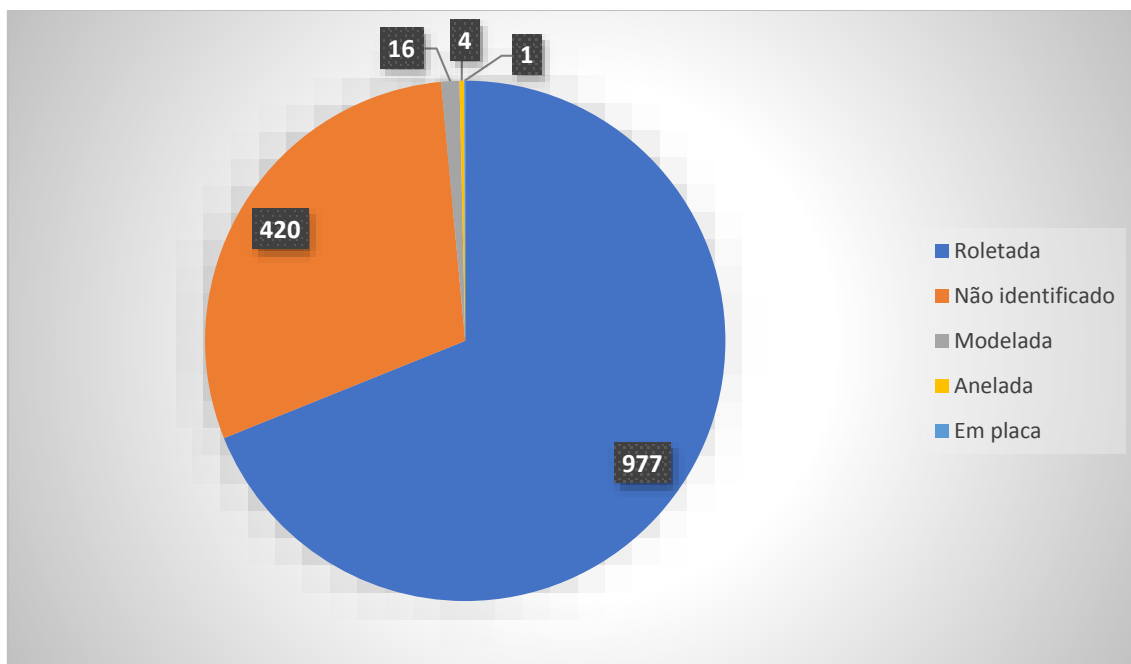
Gráfico 3 -Tempero (Intencional) das peças analisadas do sítio arqueológico Cacau do Caju, Itagibá/BA.



Como técnica de manufatura (Gráfico 4), foram identificadas as seguintes (GRIPHUS, 2009):

- Técnica roletada (roletes em espiral), 977 fragmentos, sendo 69% do total.
- Modelada (com auxílio das mãos da artesã), 16 peças, sendo 1,1% do total.
- Anelada (sobreposição de roletes) quatro peças, representando 0,2% do total.
- Em forma da placa, duas peças, o que equivale apenas 0,14% do total.

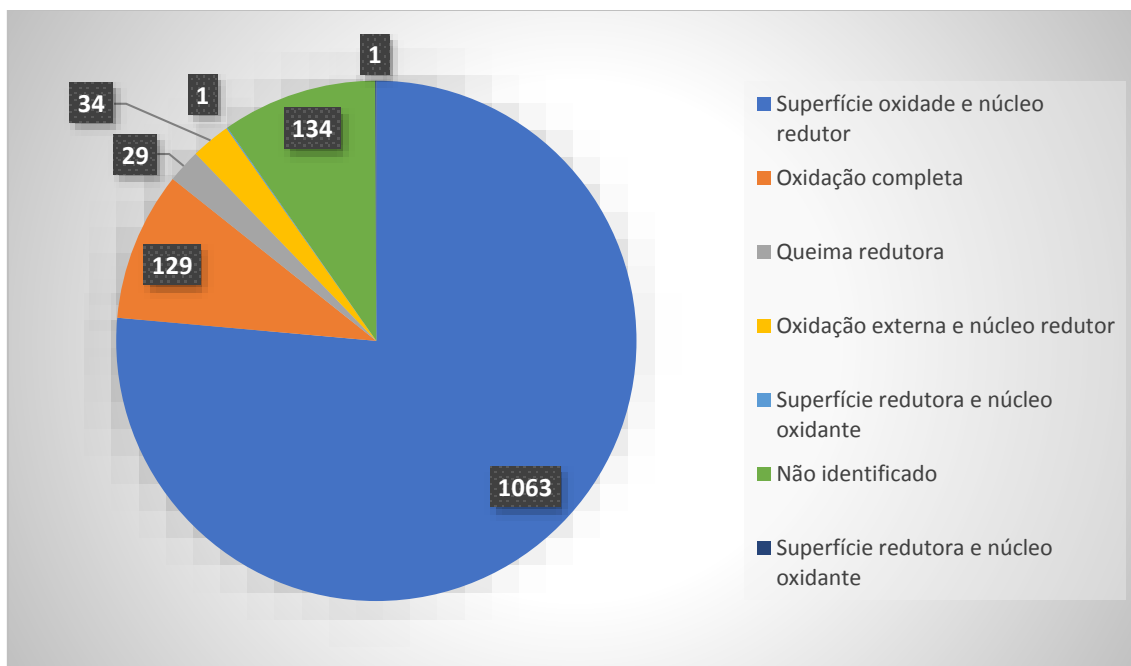
Gráfico 4 -Técnicas de manufatura das peças analisadas do sítio arqueológico Cacau do Caju, Itagibá/BA.



De acordo com o Gráfico 5, foram identificados seis tipos de queima na cerâmica, sendo elas (GRIPHUS, 2009):

- Superfície oxidante e núcleo redutor, 1063 peças, 85% do total.
- Não identificado, 134 peças, 9,4% do total.
- Oxidação completa, 129 peças, 9% do total.
- Oxidação externa e núcleo redutor interno, 34 peças, indicando 2,4% do total.
- Queima redutora, 29 peças, 2% do total.
- Oxidação interna e redutor externo, com o total de 29 peças, ou seja, apenas 2%
- Superfície redutora e núcleo oxidante, um fragmento, representando 0,007% do total.

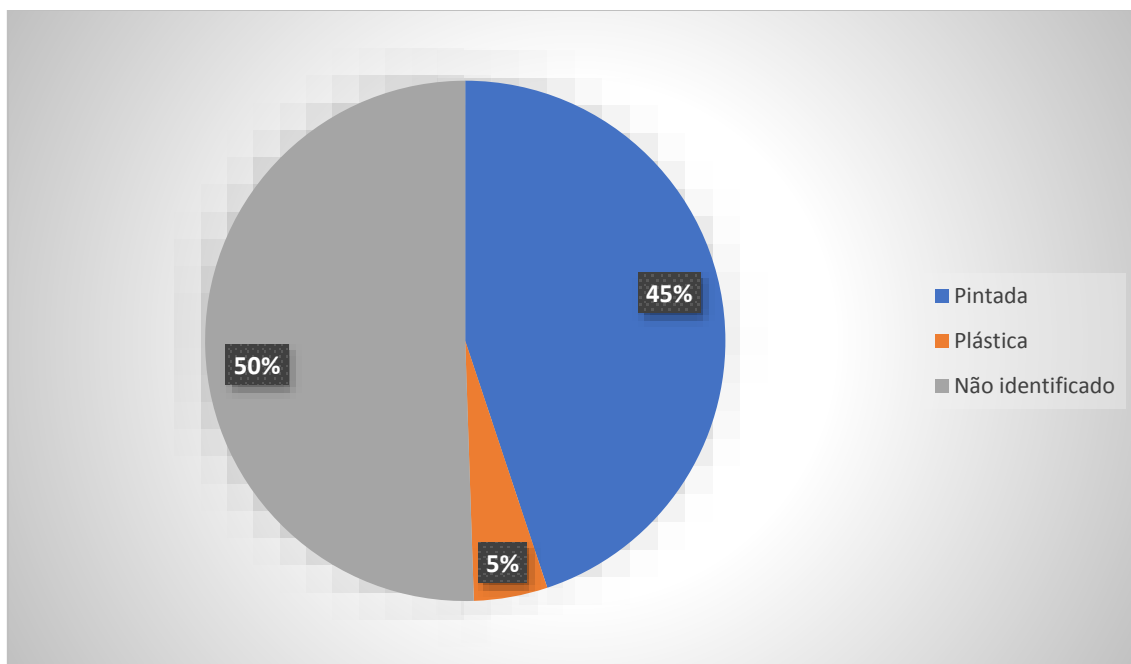
Gráfico 5 --Tipos de queima das peças analisadas do sítio arqueológico Cacau do Caju, Itagibá/BA.



Das 1419 peças, 637 possuem decoração pintada e 65 decorações plásticas (Gráfico 6), (GRIPHUS, 2009). Na decoração pintada é predominante o pigmento vermelho, porém também há presença de pigmentos pretos e possivelmente laranja. A presença da cor branca se dá como engobo e não como pintura. Na decoração plástica foram identificados os tipos:

- Ungulado (8 peças)
- Ponteadado (4 peças)
- Escovado (5 peças)
- Inciso (2 peças)
- Corrugado simples (3 peças)
- Digitado (27 peças);
- Ungulado e escovado (5 peças)
- Entalhe sobre o lábio (10 peças)
- Furo (1 peça)

Gráfico 6 -Tipos de decoração (plástica, pintada e não identificada) das peças analisadas do sítio arqueológico Cacau do Caju, Itagibá/BA.



2.4. Tipologia de padrões decorativos

Durante a pesquisa realizada na primeira iniciação científica (GARCIA, 2020), foi possível constatar grande variabilidade decorativa na cerâmica do sítio através do agrupamento dos padrões em tipos decorativos. A pesquisa teve como amostra as imagens de 60 peças reconstituídas graficamente, as quais foram selecionadas por serem mais representativas da coleção.

Utilizando como base o modelo proposto por Scatamacchia (2004) para análise da tradição ceramista Tupiguarani, e dos conceitos estabelecidos pelo PRONAPA (CHMYZ, 1976), foram criados nove tipos tendo como critério: cor e morfologia dos motivos e figuras identificadas. Os tipos são os seguintes:

Tipo 1

Caracterizado por pinturas constituídas de 'Faixas compostas' (duas cores ou mais) em associação com linhas verticais pretas (Figura 9).

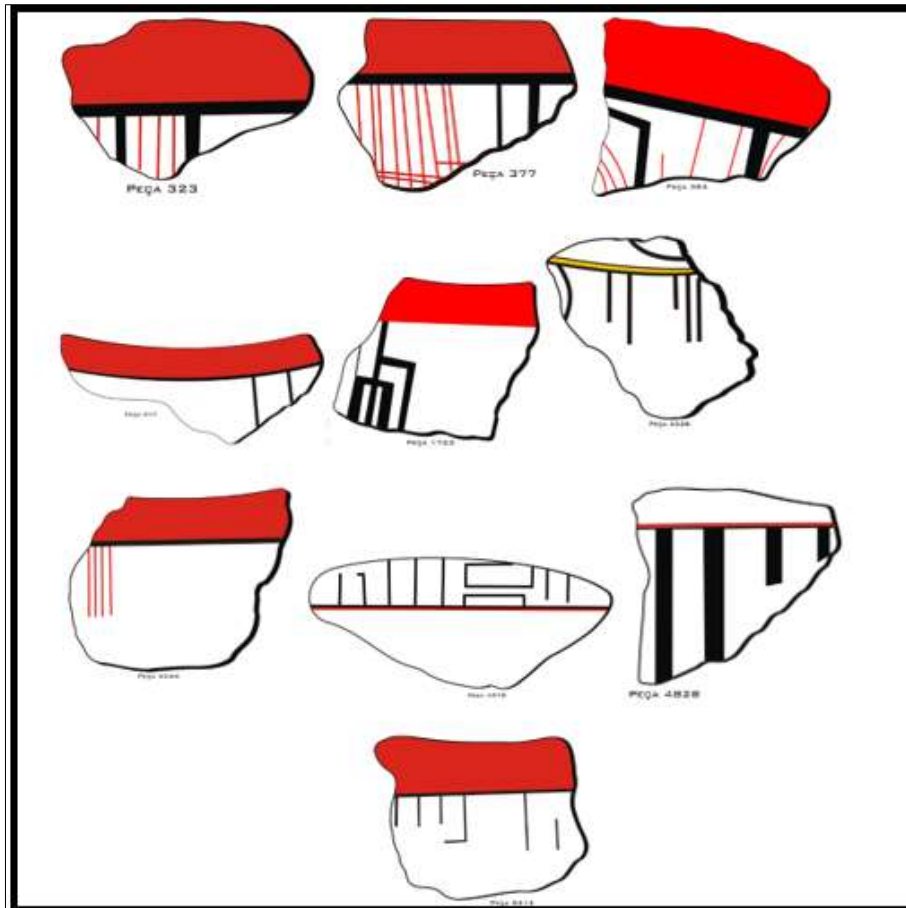


Figura 9: Peças do Tipo 1. Fonte: GRIPHUS (2009) modificado.

Tipo 2

Motivos compostos por linhas vermelhas paralelas curvas (Figura 10).

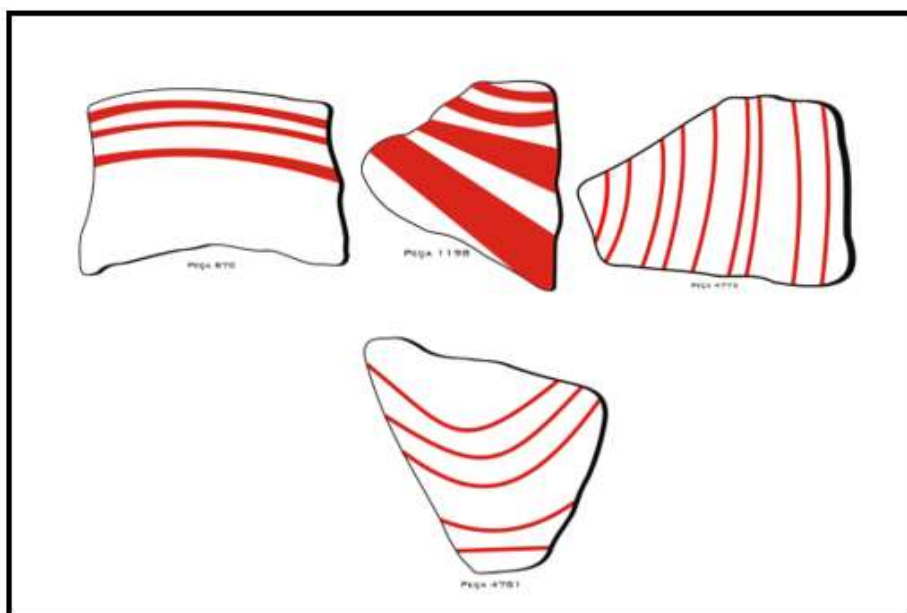


Figura 10: Peças do Tipo 2. Fonte: GRIPHUS (2009) modificado.

Tipo 3

O tipo 3 é definido por possuir faixas compostas em associação com as A e B. A figura 'A' se caracteriza por ser um retângulo com uma linha central, e a figura 'B' por um losango com uma linha central (Figura 11).

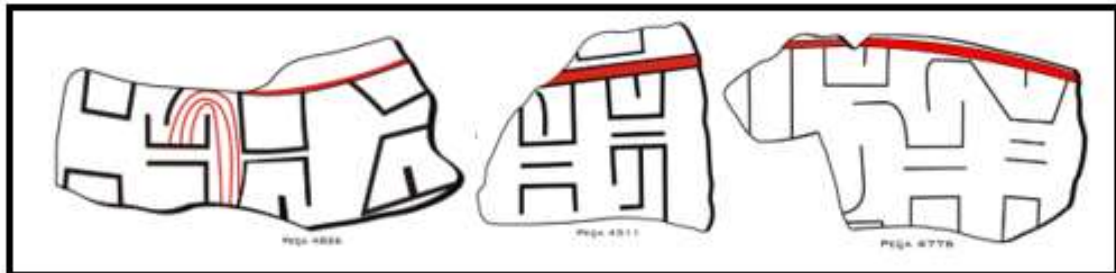


Figura 11: Peças do Tipo 3. Fonte: GRIPHUS (2009) modificado.

Tipo 4

Este tipo foi identificado pelas peças conterem linhas 'V' retas e de pigmentos pretos sob pintura vermelha (Figura 12).

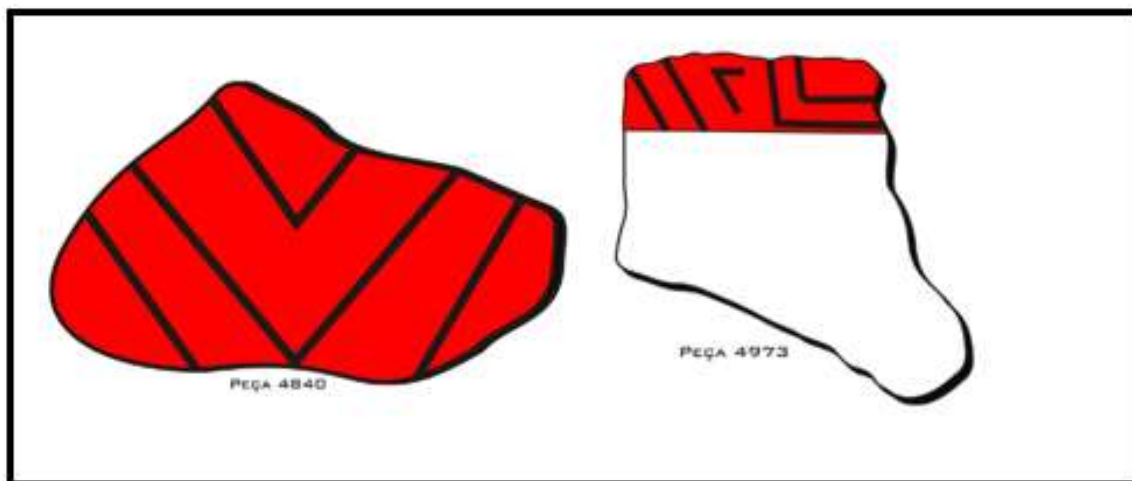


Figura 12: Peças do Tipo 4. Fonte: GRIPHUS (2009) modificado.

Tipo 5

Caracterizado pela pintura conter associação entre linhas verticais e horizontais vermelhas (Figura 13).

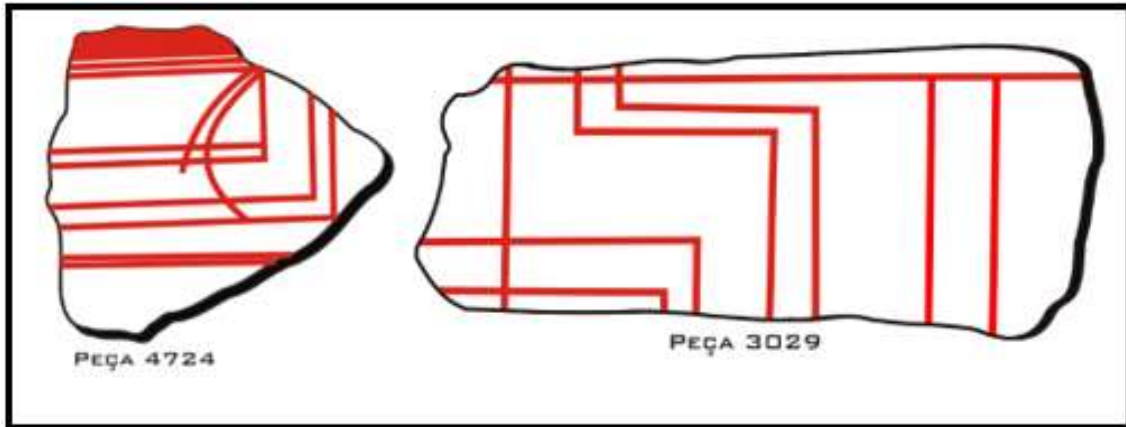


Figura 13: Peças do Tipo 5. Fonte: GRIPHUS (2009) modificado.

Tipo 6

Definido por conter faixas compostas em associação com linhas verticais e horizontais pretas formando figuras/elementos não identificados (Figura 14).

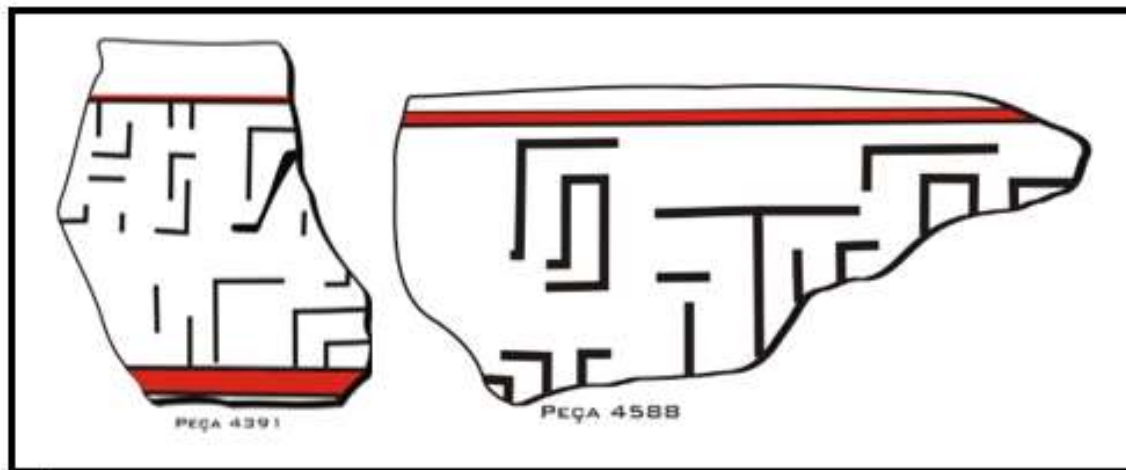


Figura 14: Peças do Tipo 6. Fonte: GRIPHUS (2009) modificado.

Tipo 7

Contém linhas em 'V' compostas e simples em associação com linhas retas (majoritariamente pretas com exceção de uma vermelha) (Figura 15).

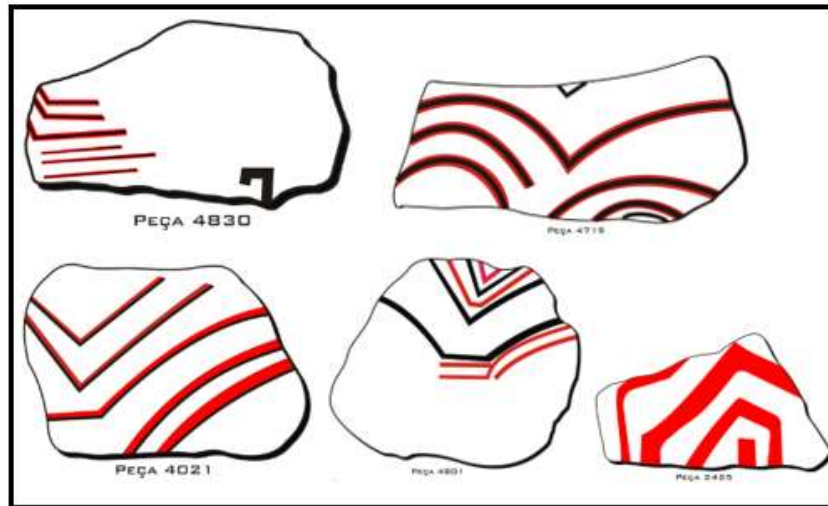


Figura 15: Peças do Tipo 7. Fonte: GRIPHUS (2009) modificado.

Tipo 8

Possui faixas simples e compostas em associação com linhas curvas (Figura 16).

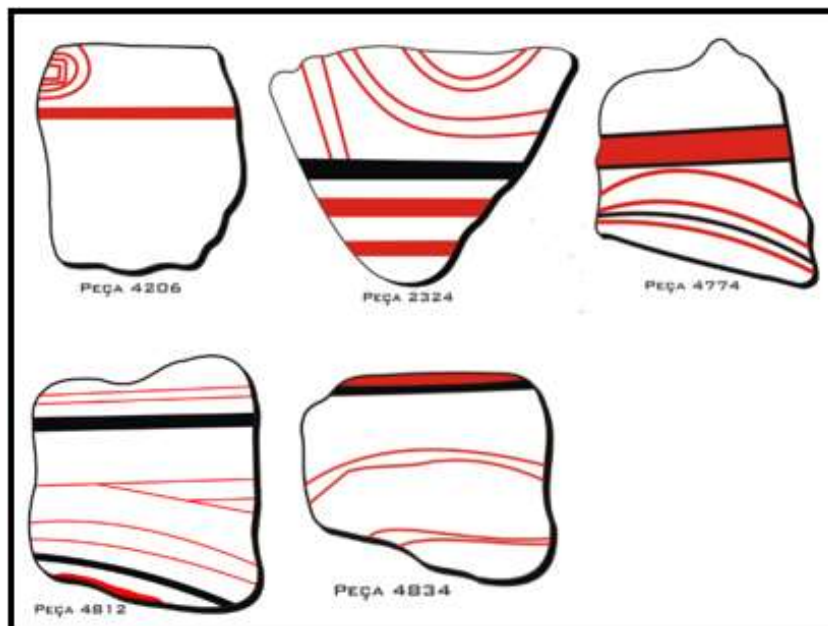


Figura 16: Peças do Tipo 8. Fonte: GRIPHUS (2009) modificado.

Tipo 9

Dentro do Tipo 9 foi possível estabelecer subcategorias, estas por sua vez não deixam de pertencer ao mesmo tipo decorativo, tendo sido elaboradas única e exclusivamente para melhor organização dos resultados.

De maneira geral, as peças do Tipo 9 são caracterizadas majoritariamente por conter faixas compostas ou simples, em sentido horizontal sem associação com outros elementos.

Tipo 9A

Composto por faixas Simples (Figura 17).

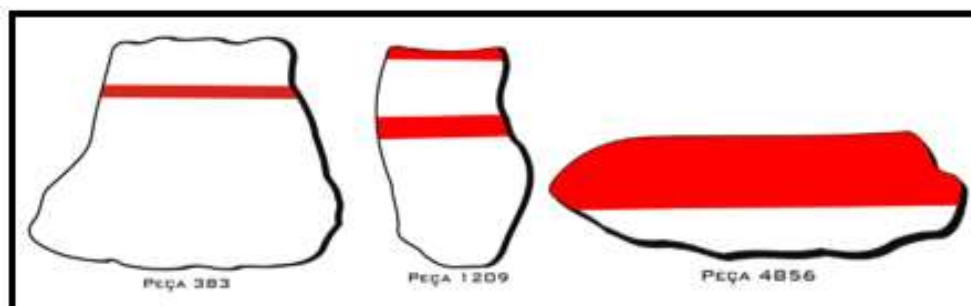


Figura 17: Peças do Tipo 9A. Fonte: GRIPHUS (2009) modificado.

Tipo 9B

Composto por faixas compostas finas e grossas, motivo pelo qual foram subdivididos em subtipos

Subtipo 9B1 – Compostas por faixas finas (figura 18)

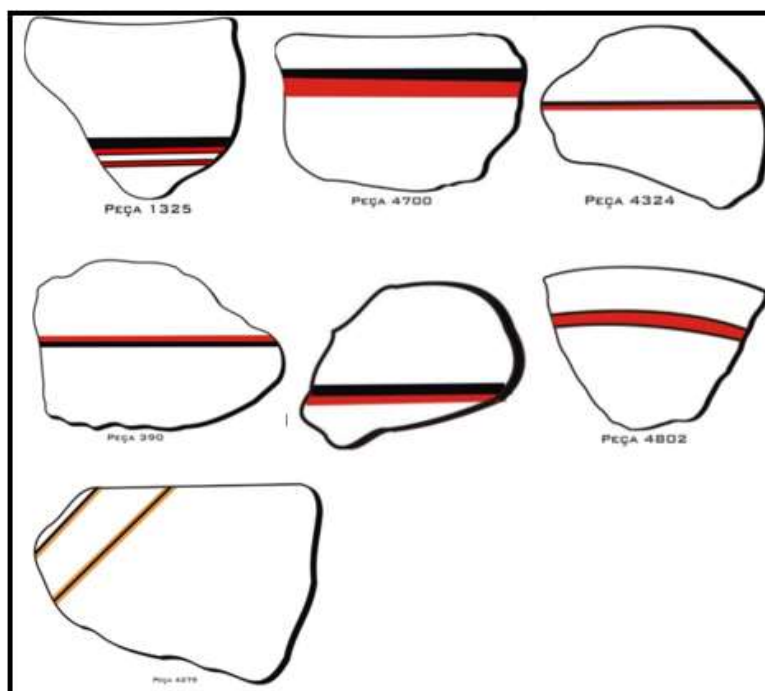


Figura 18: Peças do Tipo 9B1. Fonte: GRIPHUS (2009) modificado.

Subtipo 9B2 – Compostas por faixas grossas (Figura 19)

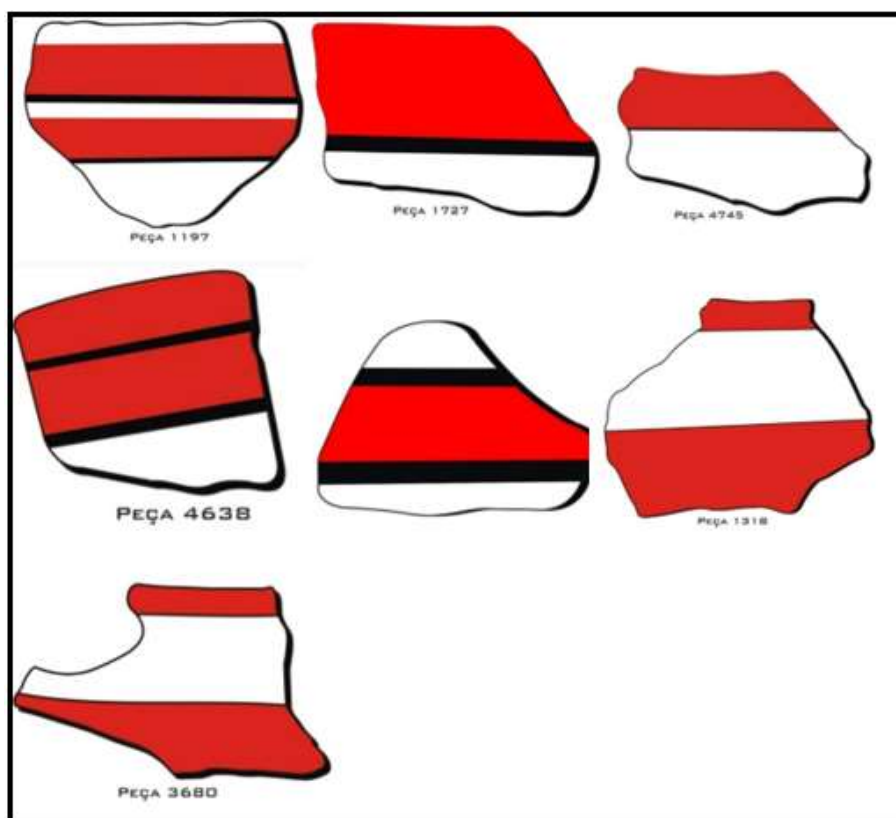


Figura 19: Peças do Tipo 9B2. Fonte: GRIPHUS (2009) modificado.

Não foi analisada a variável 'engobo branco', pois na reconstituição gráfica não constava se a parte branca do fragmento correspondia ao engobo branco ou simplesmente a parte não pintada da peça, portanto foi desconsiderada.

Abaixo seguem os dados estatísticos da expressividade percentual dos tipos apresentados (gráfico 7).

→ TIPO 1: 10/60 = 16.7%

→ TIPO 2: 04/60 = 6.7%

→ TIPO 3: 03/60 = 5%

→ TIPO 4: 02/60 = 3.3%

→ TIPO 5: 02/60 = 3.3%

→ TIPO 6: 02/60 = 3.3%

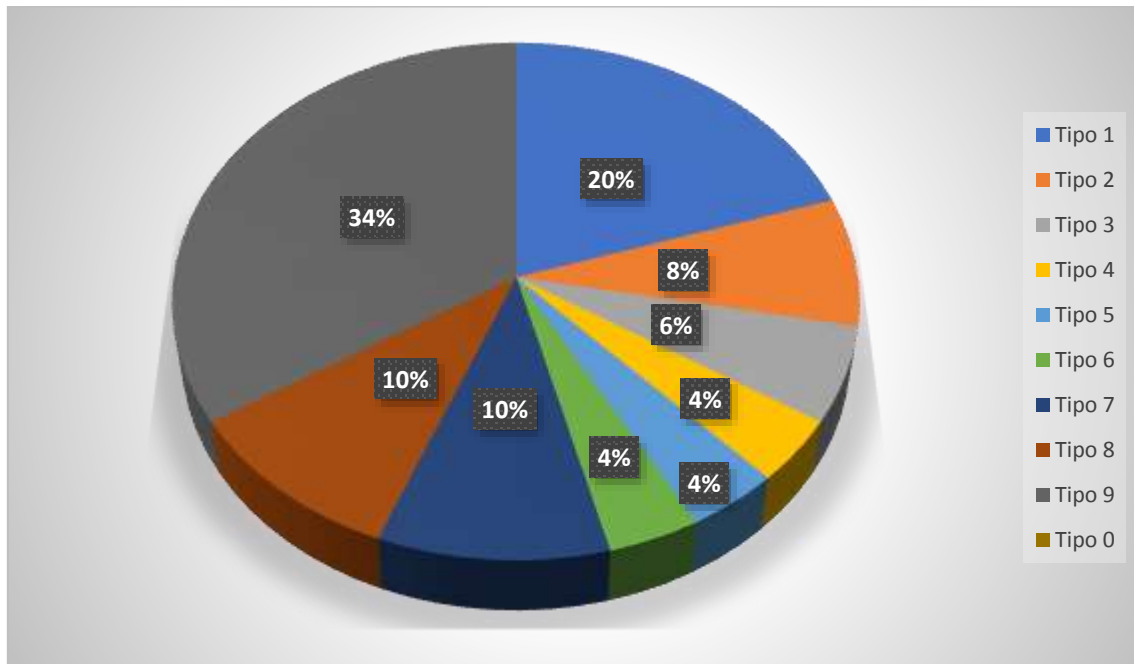
→ TIPO 7: 05/60 = 8.3%

→ TIPO 8: 05/60 = 8.3%

→ TIPO 9: 17/60 = 28.4%

→ TIPO 0: 10/60 = 16.7%

Gráfico 7 Tipos Decorativos



Observa-se que o Tipo 9 possui uma quantidade expressiva de representação nas peças analisadas, estando presente em 28,4% das peças. Dentro da variabilidade decorativa, se pode inferir que este tipo era o mais comum de ser pintado pelo grupo.

2.5. A Tradição Ceramista Tupiguarani

Os dados apresentados anteriormente fundamentam a conclusão da identificação desse material como sendo pertencente a Tradição Ceramista Tupiguarani, caracterizada principalmente por suas pinturas geométricas pretas e/ou vermelhas sobre engobo branco, técnica de confecção roletada, tempero de caco moído (CHMYZ, 1976), não sendo identificada a presença de decoração plástica corrugada e ungulada.

O termo Tupiguarani foi inicialmente utilizado para a análise da cerâmica arqueológica com o objetivo de estabelecer correlações entre as informações arqueológicas, etnográficas e bibliográficas dos grupos linguísticos Tupis e Guaranis, tendo sido mencionado pela primeira vez durante os trabalhos do PRONAPA na década de 60 (CHMYZ, 1976).

De caráter histórico-cultural forte, os conceitos de fases e tradições refletem diretamente as preocupações desta corrente, que buscavam organizar as informações no tempo e espaço, sendo assim, pode-se fazer uma analogia entre histórico-culturalismo e fases e tradições, sendo histórico relacionado ao tempo/cronologia, assim como a “fase”, e as tradições como conjuntos de elementos tecnológicos e decorativos que formam a identidade de um grupo, ou seja, uma cultura, sendo assim a tradição seria a cultura e as ‘fases’ seus diferentes momentos (GARCIA, 2020).

Para Brochado (1980), a Tradição Tupiguarani é na realidade uma ramificação da Tradição Polícroma Amazônica e, portanto, ambas deveriam ser descritas como duas tradições que possuem origem em comum (difusionismo), mas que atualmente se caracterizam por uma cerâmica feita por dois grupos Tupis distintos, os quais tiveram trajetórias históricas separadas em algum momento.

Prous (2006) comenta que uma das hipóteses atuais sugere que povos prototupi-guarani teriam saído da Amazônia vários milênios atrás (portanto, antes de possuir cerâmica). Uma onda migratória ocidental teria se dirigido pelo rio Madeira para a bacia do Paraná, atingindo o Rio Grande do Sul antes de infletir sua rota para leste e para o norte, seguindo então o litoral brasileiro até o Paraná, dando nascimento aos Proto-guarani. Outra onda, oriental, teria descido pelo litoral até o sul de São Paulo, onde as duas populações, Proto-tupi e Proto-guarani se teriam encontrado de forma belicosa.

A principal característica da Tradição Ceramista Tupiguarani é o artefato cerâmico, confeccionado através técnica de manufatura roletada-espiralada, que consiste na junção de um rolete disposto em espiral. Essa cerâmica apresenta em seus vestígios um cozimento majoritariamente incompleto, e sua tipologia é descrita baseada no tratamento estilístico superficial, que pode apresentar decoração plástica, pintada, ou mesmo ausência completa de elementos decorativos (SCATAMACCHIA, 2004). Para a autora (p. 300), “a técnica de decoração pintada é uma alteração da superfície do objeto [...] pelo acréscimo de pigmentos coloridos”, sendo assim, pode-se definir o tipo geral de decoração pela variedade de cores presentes. Se houver apenas uma cor, será chamada

de monocromática, e caso haja mais cores pode ser chamada de bi ou policromática (PROUS, 1992, p. 92).

Na região Nordeste há também a Sub-Tradição Pintada, conhecida como Policromática, por apresentar motivos decorativos nas cores branca, vermelha, preta e cinza, com desenhos variados e inseridos em categorias como: complexos, "geométricos" ou abstratos, formando gregas e cenefas com fino acabamento, aplicado no interior, no exterior ou em ambos os lados do vasilhame (SCATAMACCHIA, 2004).

2.6. A Etnografia e a Caracterização dos Grupos Tupi-Guarani

Quando os portugueses chegaram ao litoral baiano os primeiros grupos que tiveram contato foram grupos associados a tradição ceramista Tupiguarani, os quais ocupavam grande parte do litoral em assentamentos ligados a captação de recursos marinhos, e os grupos da Zona da Mata eram caracterizados por habitarem aldeias agricultoras-ceramistas (BARBOSA, 2007; MARTIN, 2008 *apud* BARRETO, 2013).

Os conflitos com os portugueses levaram os grupos Tupi-guarani do litoral a realizarem uma migração interiorana, onde buscaram refúgio na Zona de Mata e em alguns casos no sertão. O sítio arqueológico Cacau do Caju localiza-se justamente numa região de transição entre o litoral e a zona de mata, o que indica que a ocupação da área pode ter sido motivada pela tentativa de fuga de conflitos litorâneos.

Os Tupi-guarani não tiveram conflitos apenas com os invasores portugueses, os grupos Tapuias pertencentes ao tronco Jê, também disputaram o território da Zona da Mata e acabaram sendo expulsos de lá pelos Tupi-guarani, sendo assim os Tapuias passaram a ocupar majoritariamente a região agreste e do sertão. Depois dessa série de conflitos, a presença dos Tapuias nas florestas litorâneas era motivada especialmente pelos eventos de seca rigorosa, que sofriam com maior intensidade no Agreste e Sertão (FUNARI & NOELLI, 2009 *apud* BARRETO, 2013).

Os Tupi-guarani da Zona da Mata eram sedentários e dispunham de agricultura. Essa sedentarização provavelmente contribuiu para o seu crescimento demográfico, o que impulsionou a ocupação de diferentes regiões através da 'fragmentação das aldeias' que seria um método indígena, utilizado para evitar a superpopulação (LAMEGO, 2007). De acordo com Albuquerque (1993), o modo produtivo desse grupo parecia exigir amplo espaço territorial, tanto para agricultura quanto para a coleta e caça os seus territórios eram conquistados de maneira lenta, contudo, usufruídos e manejados por um tempo longo, o que é especialmente importante para compreender seu processo de expansão (NOELLI, 1996, p. 10).

Apesar de apresentar certo padrão de comportamento, os sítios associados a tradição ceramista Tupiguarani variam em questão de vegetação, topografia, nas formas e nas dimensões dos assentamentos, na profundidade da estratigrafia e, às vezes, em alguns componentes artefatuais (ETCHVARNE 2011, P. 42).

Ndo mapa de Nimuendaju (2017), foi possível observar que a microrregião do sítio Cacau do Caju foi registrada como sendo uma área ocupada pelos grupos Kamuru-Kariri na metade do século XVIII (Figura 20).



Figura 20: Relação entre a localização do Sítio Cacau do Caju com o mapa etnográfico de Curt Nimuendaju. Fonte: Google Earth (2021). Nimuendaju (2017). Modificado.

De acordo com Etchvarne (2011, p. 42) os grupos Tupi-guarani entraram em território de grupos rivais, por exemplo, os Kariri, o que ainda de acordo com o autor, teria ocasionado conflitos, pois estes grupos ofereceram resistência bélica e/ou cultural, impondo adaptações aos grupos que estavam chegando na área.

De acordo com as informações apresentadas foi possível inferir que o sítio Cacau do Caju encontra-se numa área, a qual as referências bibliográficas citadas apresentam um contexto de conflitos territoriais com outros grupos Jê, porém, há de se considerar que poderia ocorrer trocas culturais pacíficas entre eles.

Esta hipótese foi levantada na primeira iniciação científica realizada em 2019-2020, após a constatação da análise da tipologia da decoração pintada que apresenta grande diversidade que poderia advir justamente do contato entre diferentes grupos étnicos. Cabe ressaltar que se entende por contato, a troca, posse, comércio, ou relações sociais (casamento ou acordos) que resulte na obtenção de características de uma cultura pela outra, seja no âmbito simbólico/abstrato ou na cultura material.

Por conseguinte, as informações obtidas e apresentadas anteriormente sobre a etnografia da área do sítio e do contexto da ocupação e desocupação do lugar, foram trabalhados no segundo plano de iniciação científica (GARCIA, 2021).

CAPÍTULO 3 - MATERIAIS E MÉTODOS

O capítulo denominado “materiais e métodos” é fruto de um paradigma positivista que visa explicar, testar e comprovar as hipóteses da pesquisa através da reprodução dos procedimentos metodológicos (LIMA& MIOTO, 2007). Ao contrário de muitos trabalhos arqueológicos que tratam de curadoria, escavação e análise de material, este TCC é uma interpretação de dados, e não a produção dos mesmos e, portanto, é um desafio explicar como foi realizada uma interpretação.

Este trabalho foi executado em duas etapas. A primeira consistiu na obtenção de informações relacionadas ao *Relatório Final do Programa de Resgate Arqueológico e Cultural’ da área a ser direta e indiretamente afetada pela implantação das atividades de Lavra e Beneficiamento de Minério de Níquel* que foram efetuadas na área do empreendimento *Mirabela Mineração do Brasil Ltda*, disponibilizados pela empresa Griphus Consultoria Ltda.

Materiais disponibilizados pela empresa Griphus Consultoria Ltda:

- O relatório de prospecção da área do sítio;
- Mapas de sondagens;
- O relatório de resgate do patrimônio cultural;
- Mapas de densidade de material arqueológico;
- O relatório de análise da cultura material do sítio;
- A reconstituição gráfica de padrões decorativos pintados da cerâmica arqueológica.

A caracterização ambiental da área de estudo apresentada no capítulo 2 também utilizou de informações fornecidas nos relatórios, assim como as fotografias e os dados e informações históricas da Fazenda Bom Sucesso.

A segunda etapa foi executada buscando informações que complementassem as interpretações que foram explanadas no tópico 2.4 a respeito da etnografia Tupiguarani, e bibliografias que construíssem uma fundamentação teórica.

No relatório final de iniciação científica “Variações no padrão decorativo da Tradição Tupiguarani nos Sítios Arqueológicos Identificados na FIOLE e Entorno” (GARCIA, 2020), foi elaborada uma tipologia tratando dos padrões decorativos da cerâmica pintada do sítio.

Para a pesquisa etnográfica, foram consultados mapas etnográficos como o de Curt Nimuendaju, assim como relatos de naturalistas e textos do século XIX disponibilizados na Biblioteca Digital Curt Nimuendaju (<http://www.etnolinguistica.org>), artigos científicos que tratassem sobre a origem e dispersão dos Tupi-guarani, periódicos, livros e dados do site oficial da FUNAI.

Na fundamentação teórica foram consultados livros que tratassem tanto de arqueologia como de antropologia, visto que grande parte das teorias de alto nível que basearam o pensamento arqueológico vieram da antropologia. Também foram utilizados artigos, periódicos e a contribuição dos professores do curso de Arqueologia que realizaram discussões valiosas em sala de aula, o que culminou em reflexões teóricas que permitiram um amadurecimento como futura pesquisadora.

O fato de a pesquisa etnográfica sugerir que este sítio, filiado está a tradição ceramista Tupiguarani (GRIPHUS, 2009) se encontrava numa área ocupada por grupos Kamuru-Kariri filiados ao tronco Jê (NIMUENDAJU, 2017), isso resultou numa busca por elementos culturais do sítio que sugerissem uma possível filiação desta tradição arqueológica a um grupo etnográfico, e para isto, foram analisados os mapas distribuição de material buscando um possível formato de aldeia sugerido pela concentração de material em determinados locais.

Durante essa pesquisa, um fator chamou atenção. Ao analisar os mapas de concentração, foi constatado que elas convergiam para determinadas áreas específicas, onde as sondagens foram ampliadas. Foi nesse momento que o

objetivo do trabalho foi modificado, e não mais se buscava um estudo sobre o formato de aldeias, e sim hipóteses para a formação do registro arqueológico.

Em função dos objetivos deste trabalho, foram utilizados sistemas de informação geográfica (SIGs), como:

- Google Earth PRO, versão 2021;
- O software Qgis versão Standalone 2.18;
- Os shapefiles do banco de dados online do IBGE;
- O site Topographic-Map.

Para responder ao problema do trabalho, foram utilizados os SIGs mencionados acima para compreender a topografia do sítio e a área de contribuição, além de buscar identificar os vestígios de atividade humana que o afetam, tais como: estradas, pastagens, cercas, residências etc.

Neste TCC também se buscou desenvolver uma contextualização regional do panorama etno-histórico no qual se insere o sítio. Isto se deu através da leitura de documentos etnográficos como livros, mapas etc, buscando averiguar possíveis grupos que teriam ocupado o sítio arqueológico Cacau do Caju.

CAPÍTULO 4 - RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com dados e informações do relatório (GRIPHUS, 2009) o sítio Cacau do Caju possui um diâmetro de 350m (figura 21) e sofre impacto direto de três estradas identificadas através do Google Earth. Além disso, o sítio se encontra numa área que foi diretamente afetada pela agricultura e pela pecuária (GRIPHUS, 2009) visto que como mencionado no capítulo 2, a Fazenda Bom Sucesso possuía plantio de Cacau e Coco. Ainda de acordo com o relatório, o sítio sofreu outras ações antrópicas como a construção de cercas e estradas locais (GRIPHUS, 2009). O contexto apresentado indica um sítio antropizado devido a ação antrópica e processos naturais de longa duração.

Procurou-se compreender o impacto da área de contribuição na formação do registro arqueológico, visto que os vestígios culturais podem ter se movimentados devido a processos naturais como escoamento pluvial, perdas de solos e erosões de pequeno porte como sulcos e calhas, bem como bioturbação, na qual se incluem, por exemplo, a ação de raízes e animais como tatu, formigueiros e termitas.

Esta hipótese de movimentação do material cultural se deu após observar que o material lítico, cerâmico, estava concentrado nos mesmos locais, os quais serão apresentados nas figuras 23, 24, 25, 26 e 27. A Figura 21 apresenta a delimitação aproximada do sítio.

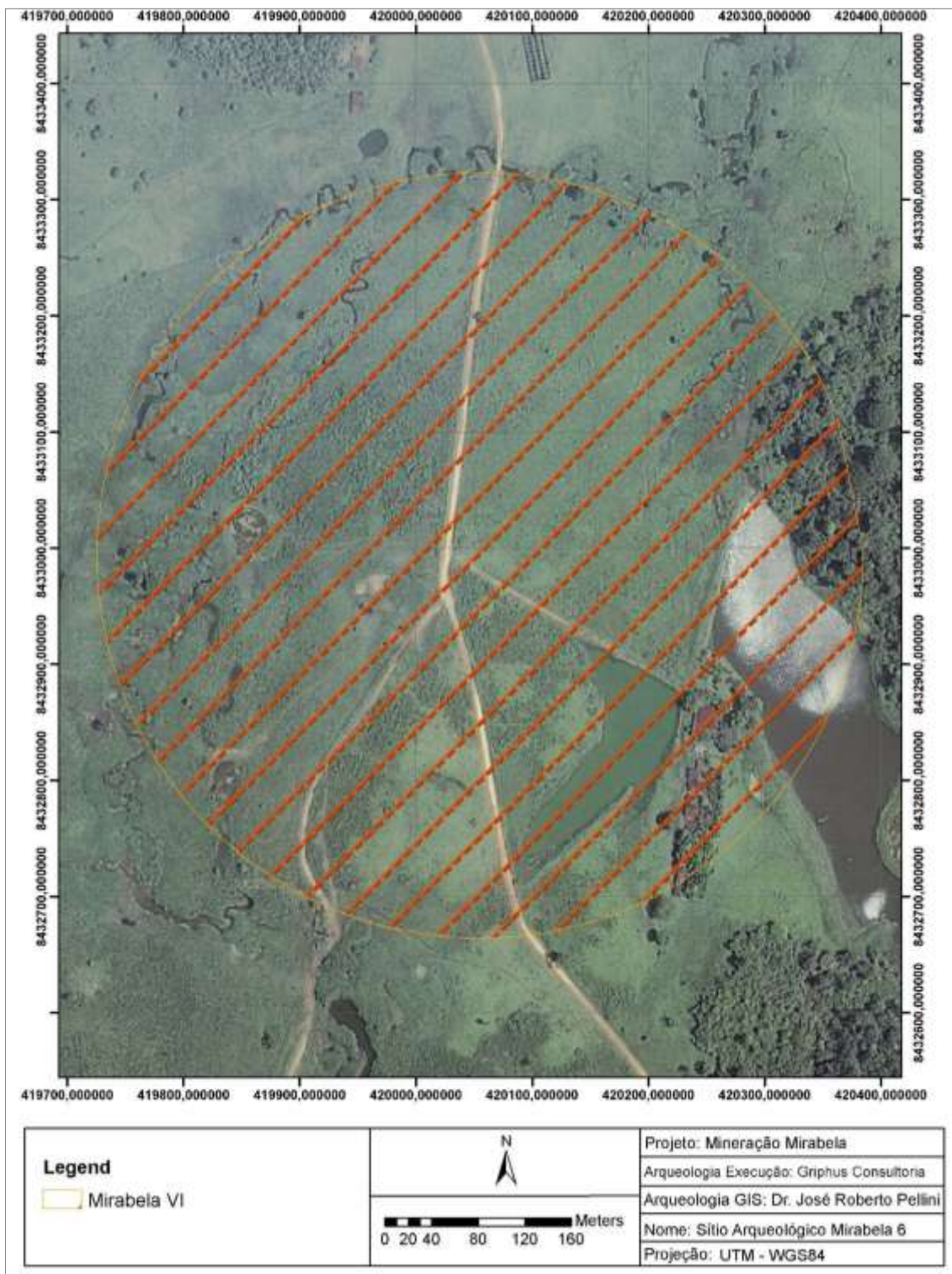


Figura 21: Área do Sítio Caju do Caju. Fonte: GRIPHUS (2009).

A Figura 22 apresenta a distribuição das sondagens e poços testes realizados durante a execução da etapa de prospecção/resgate do material. Em verde temos os poços testes e em vermelho as sondagens.

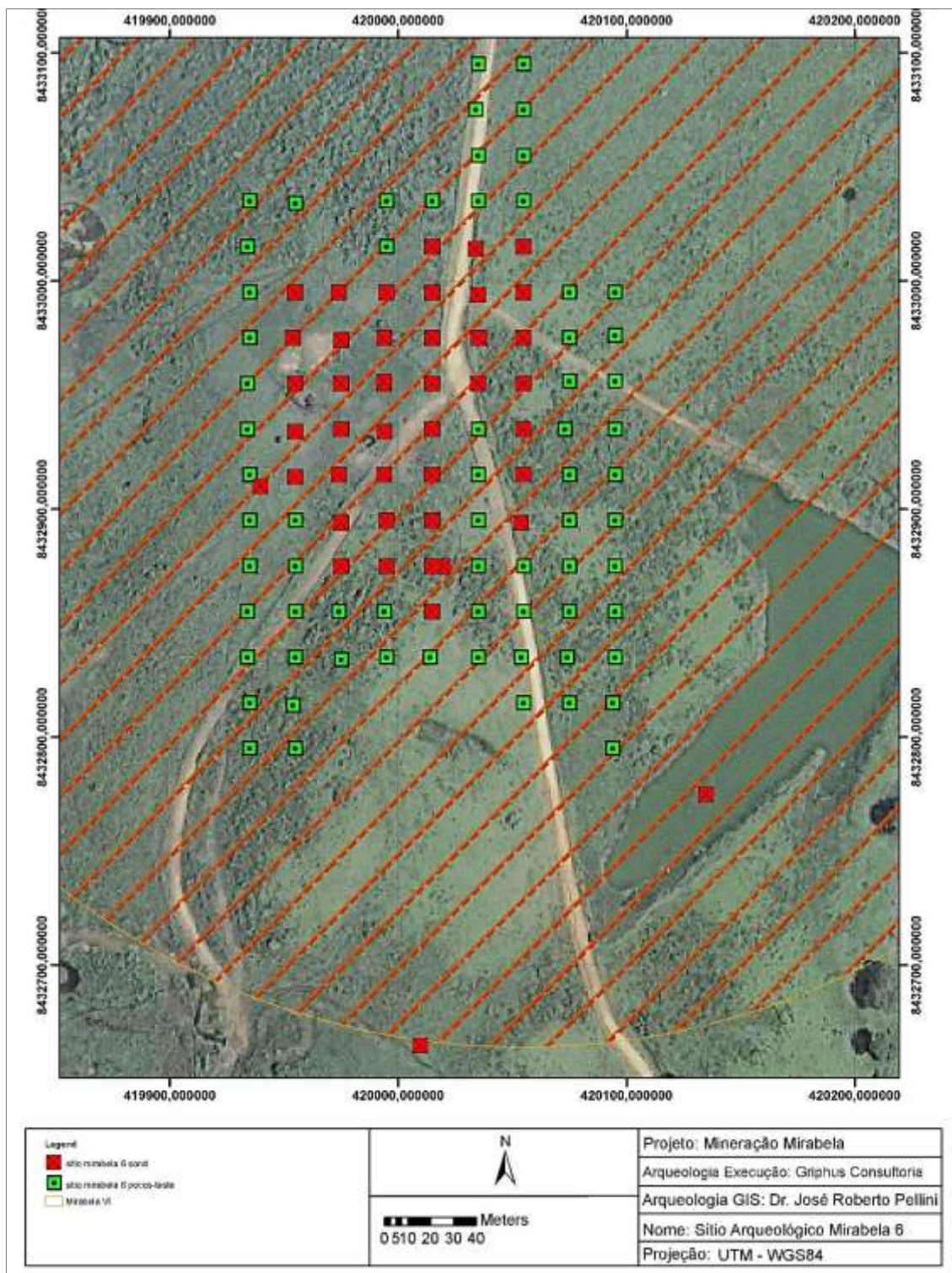


Figura 22: Sondagens e poços testes no Sítio Cacau do Caju. Fonte: GRIPHUS (2009).

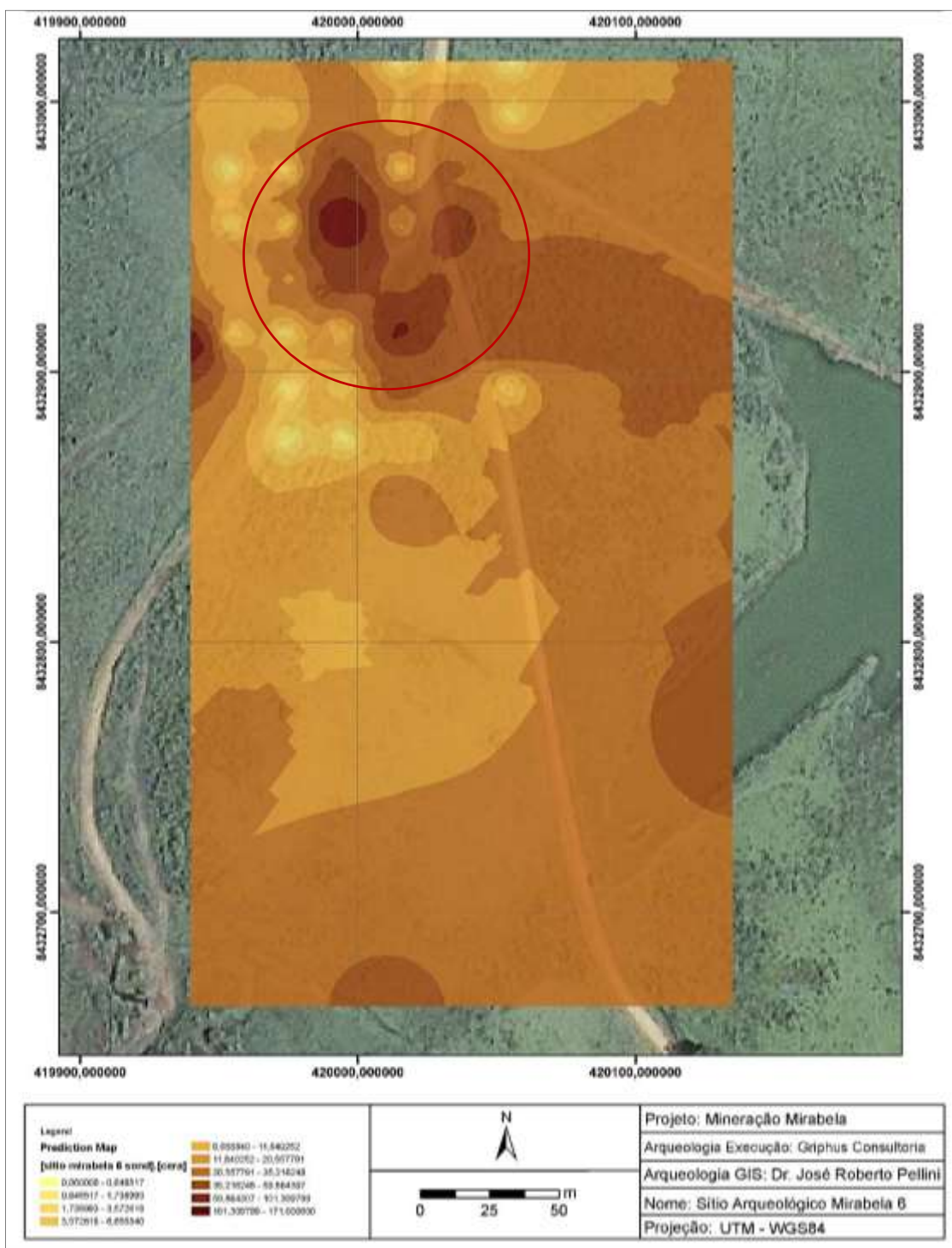


Figura 23: Área de concentração de material cerâmico. Fonte: GRIPHUS (2009).

Nas Figuras 23 a 27, respectivamente, observa-se a área de concentração de material cerâmico, lítico, ósseo, histórico e a distribuição total.

Esses quatro mapas indicam que as áreas de concentração são semelhantes, por se encontrarem num mesmo lugar.

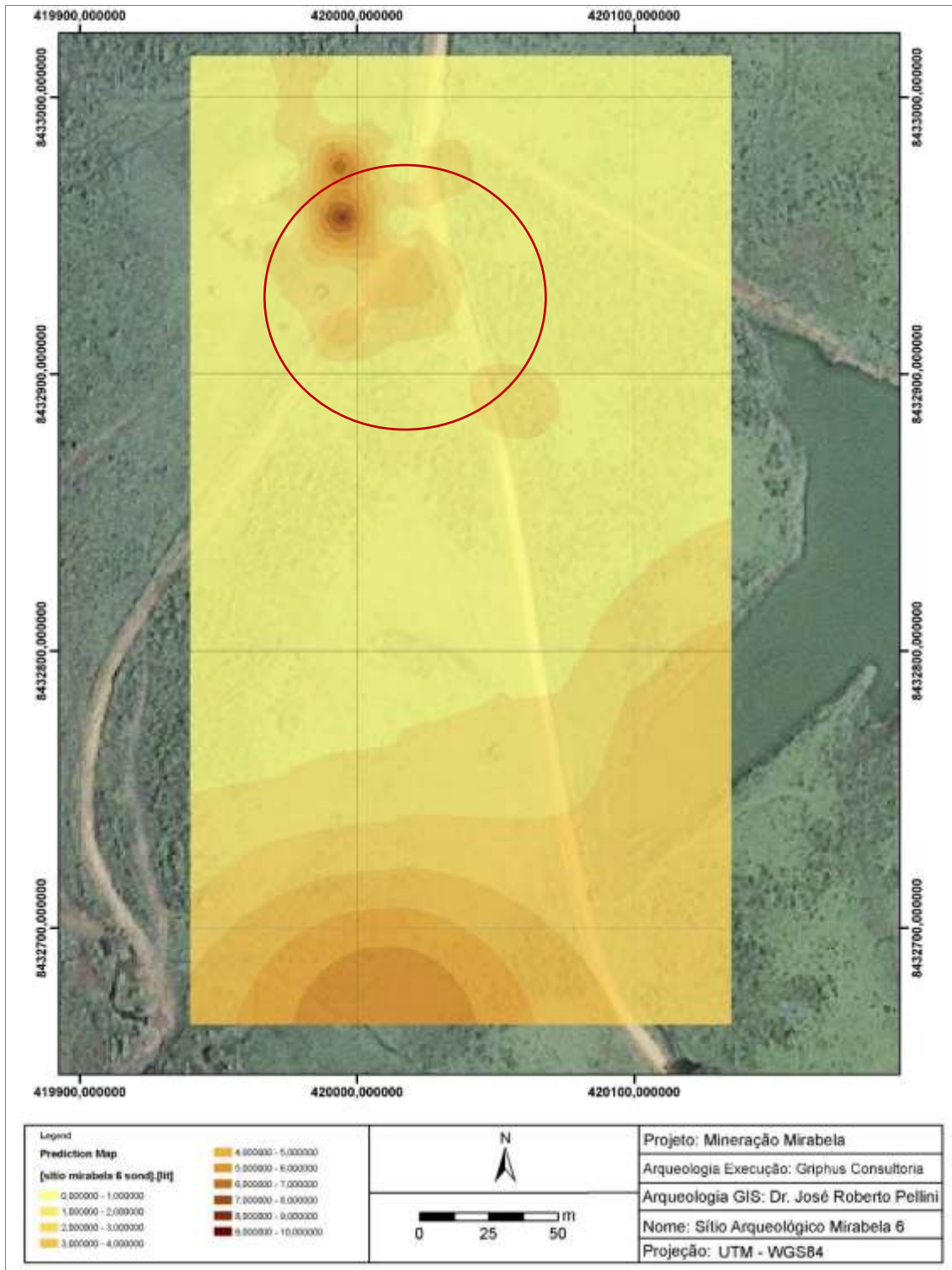


Figura 24: Área de concentração de material lítico. Fonte: GRIPHUS (2009).

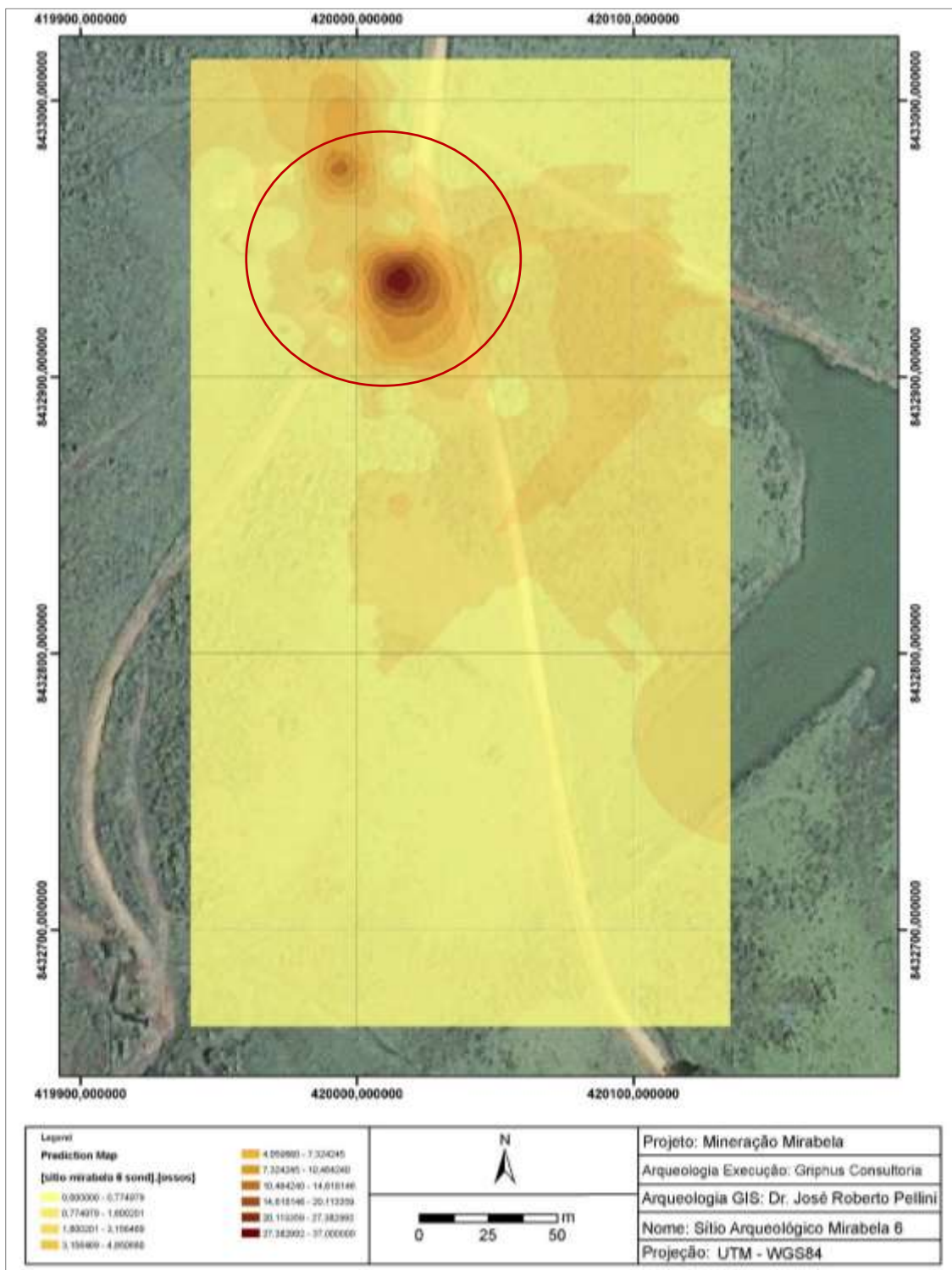


Figura 25: Área de concentração de material ósseo. Fonte: GRIPHUS (2009).

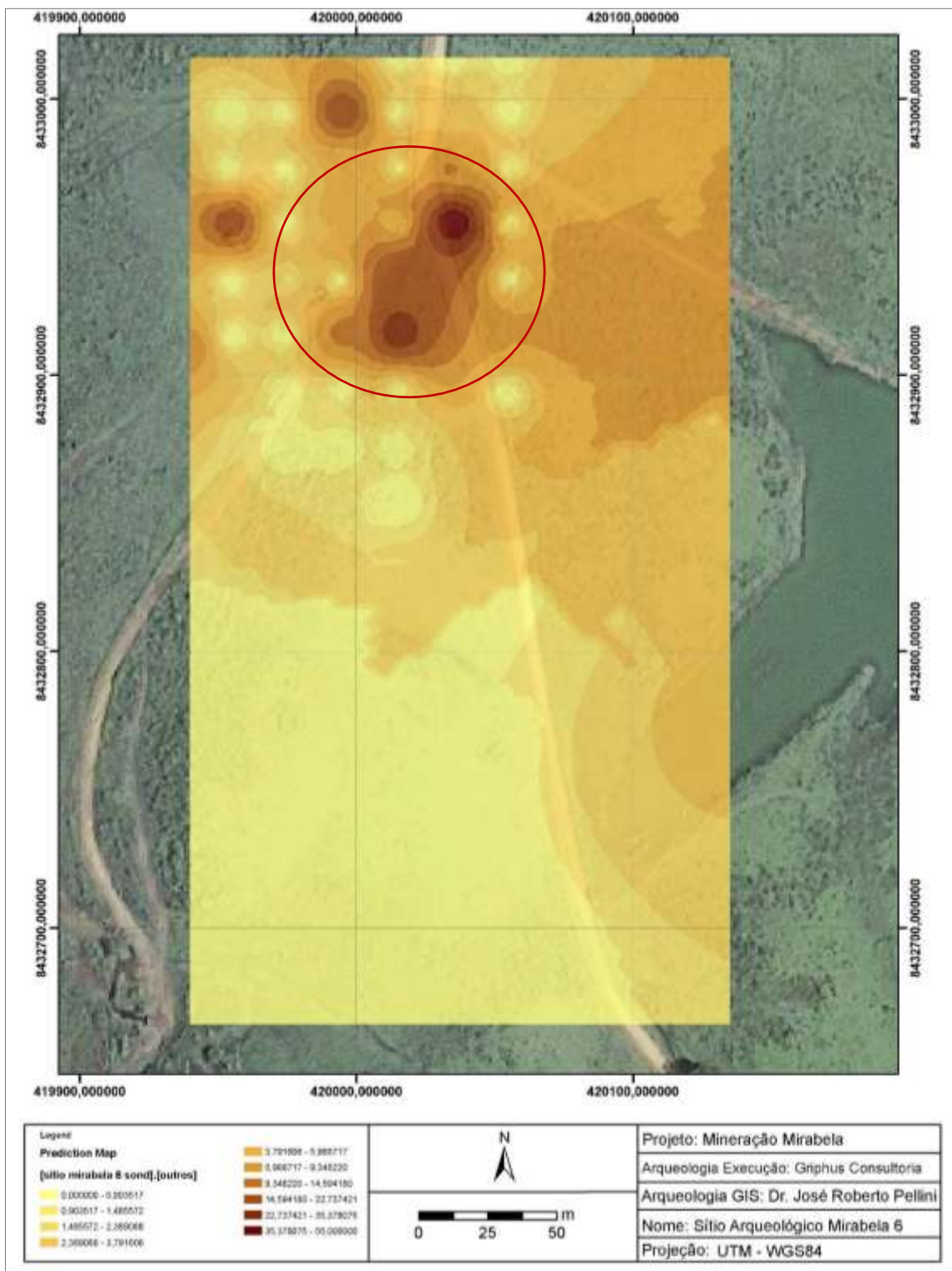


Figura 26: Área de concentração de material histórico. Fonte: GRIPHUS (2009).

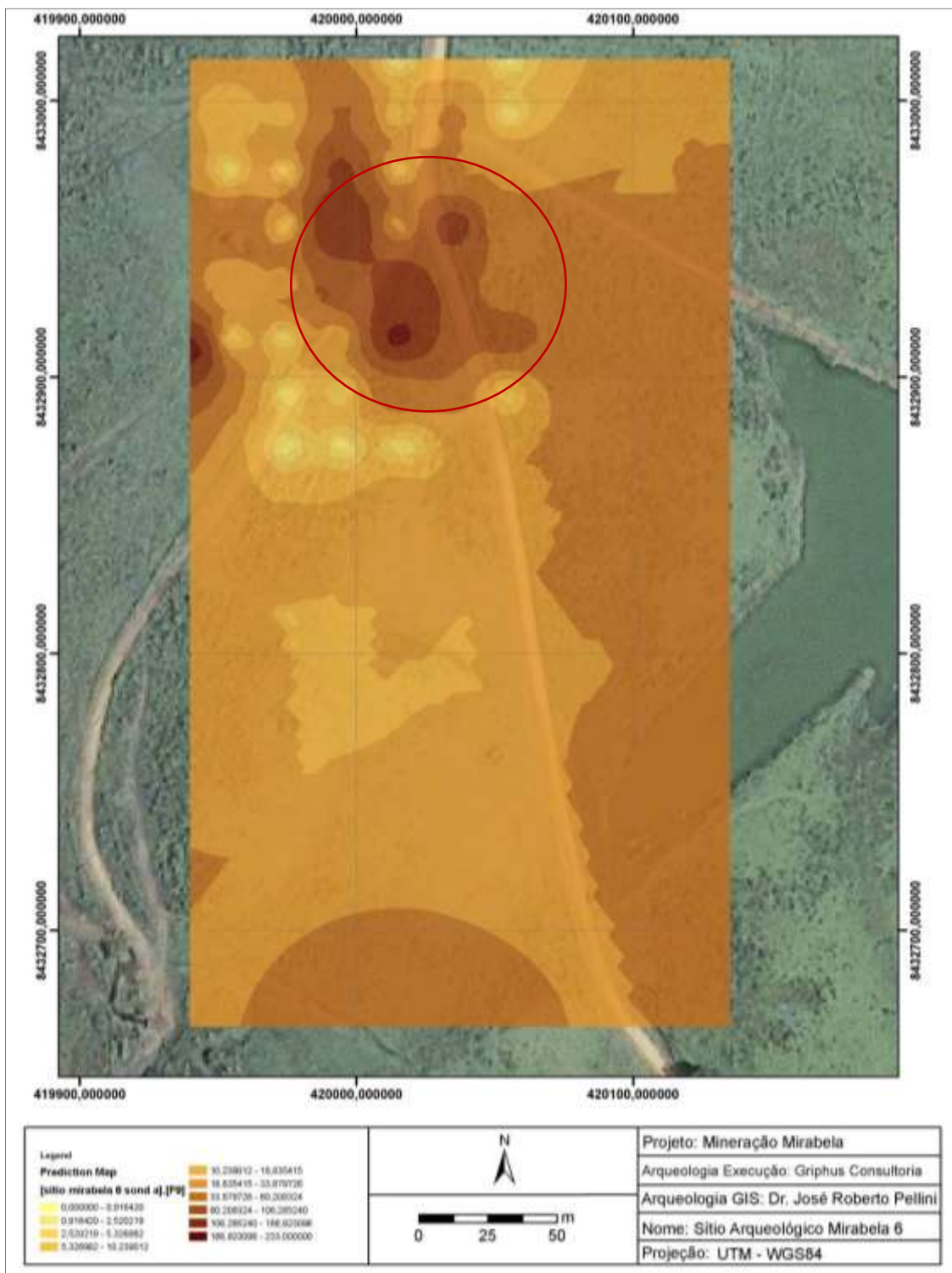


Figura 27: Área de concentração total. Fonte: GRIPHUS (2009).

Nos círculos em vermelho apresentados nas imagens anteriormente, observa-se a concentração de diferentes materiais arqueológicos. Ao analisar esse ponto de concentração pelo *Google Earth*, observa-se as partes de uma

antiga estrutura arquitetônica, possivelmente uma residência. Utilizando as imagens de diferentes períodos disponibilizadas pelo *Google Earth*, pode-se constatar nos anos 2007 (Figura 28) e 2014 (Figura 29) os remanescentes da estrutura, que com o passar do tempo ficou encoberta pela vegetação e quase identificável, como mostra a figura 30, de 2017.



Figura 28: Vestígios de uma estrutura arquitetônica através de imagem do ano de 2007. Fonte: Google Earth (2021). Modificado.



Figura 29: Vestígios de uma estrutura arquitetônica através de imagem do ano de 2014. Fonte: Google Earth (2021). Modificado.

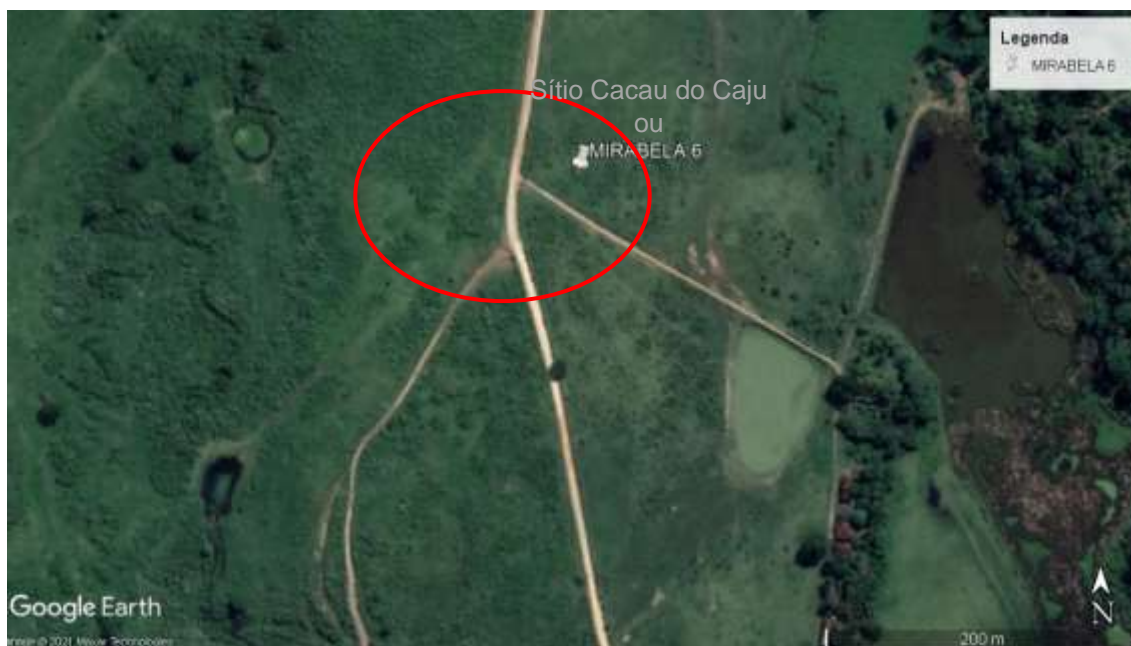
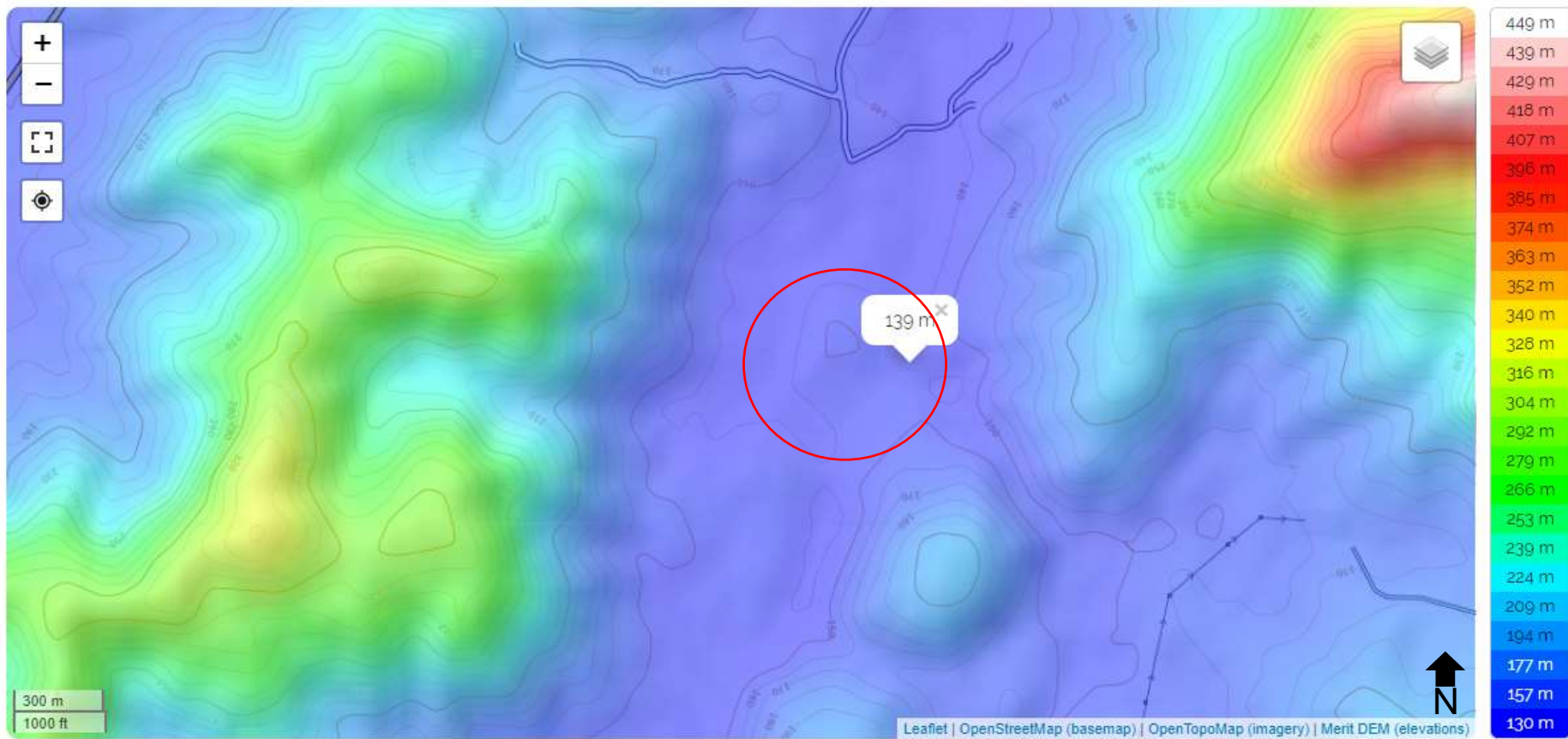


Figura 30: Vestígios de uma estrutura arquitetônica através de imagem do ano de 2017. Fonte: Google Earth (2021). Modificado.

O fato de haver concentrações de material histórico e ósseo estarem próximos as extremidades da residência, levantou a hipótese de serem áreas de descarte. A construção da estrada central indicada no mapa, também pode ter movimentado o material para as laterais. Outra hipótese seria a movimentação dos vestígios arqueológicos devido a utilização de arado.

Sabe-se que é comum em zonas rurais um sistema com função de descarte, trata-se basicamente de um 'buraco' no solo onde são descartados restos orgânicos e outros resíduos, e muitas vezes este material também é incinerado.

Foi verificado anteriormente o quanto o sítio arqueológico Cacau do Caju foi impactado por diversas ações humanas, e apresentamos a Hipótese 1 de que as concentrações resultam dessa ação. Após averiguar a Hipótese 1, partimos para a análise da área de contribuição do sítio para compreender o quanto essa influenciou a formação dele. Para isso verificamos as cotas topográficas na área do sítio (Figura 30 e 31).



Ipiaú, Microrregião de Ilhéus-Itabuna, Mesorregião do Sul Baiano, Bahia, Região Nordeste, Brasil (-14.13182 -39.73732)

Figura 31: Cota topográfica na área do sítio Cacau do Caju. Fonte: topographic-map. Acesso em 22/05/2021, 23:04.

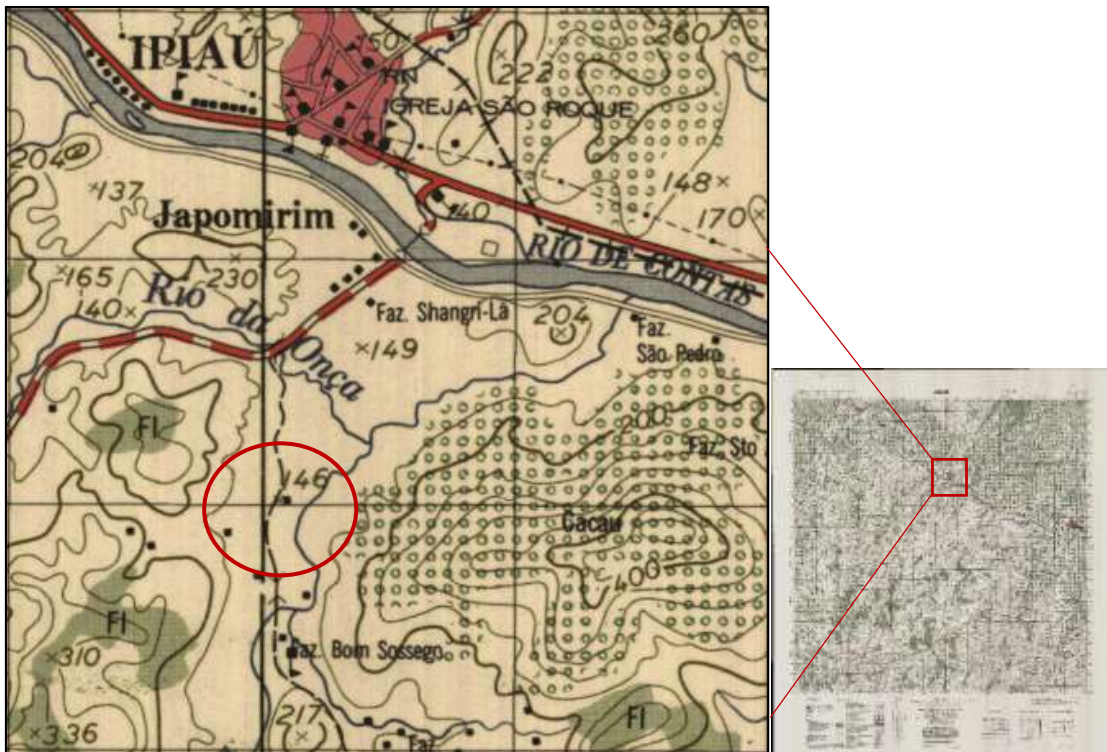


Figura 32: Localização do sítio Cacau do Caju na Carta Topográfica de Ipiá (1977). Escala: 1:100 000. Fonte: SUDENE (1977).

Como mostram as figuras 30 e 31, o sítio localiza-se num fundo de vale. Entende-se por fundo de vale uma área de altitude baixa, delimitada por duas encostas, morros ou montanhas de altitude mais alta (interflúvio) e com um certo nível de declividade (figura 32) (Bertolini&Valadão, 2009). Devido a ação principalmente de precipitações, o sedimento das áreas mais altas, tendem a escorrer para as áreas mais baixas.

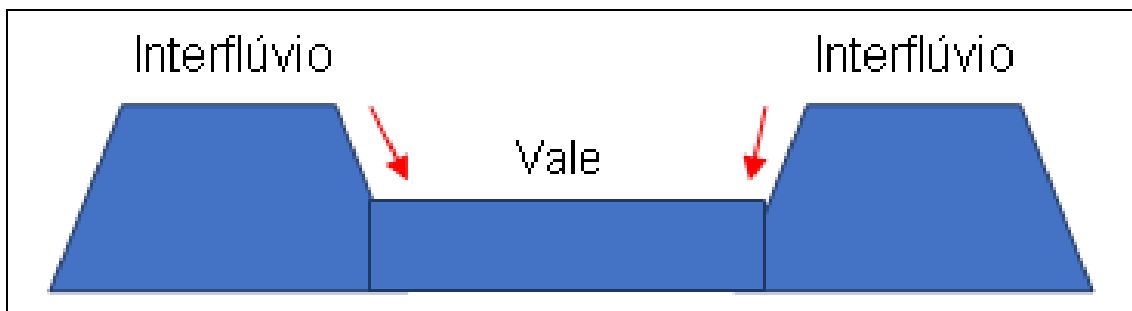


Figura 33: Exemplificação de um Vale

Ao traçar o perfil de elevação de um caminho cruzando horizontalmente a área do sítio, observa-se que há duas áreas de altitude baixa com uma área levemente mais alta ao centro das duas, como demonstra o círculo vermelho na

figura 33. Essa elevação provavelmente resultou da movimentação do solo para a construção das estradas.



Figura 34: Elevação do solo referente ao traço em branco na área do sítio. Fonte: Google Earth (2021). Modificado.

Considerando a compartimentação do relevo (vale e encostas) e os processos naturais a ele relacionados, já mencionados, é possível formular a Hipótese 2 para as áreas de concentração, tendo estas sido resultado da movimentação do material devido a fatores naturais da área de contribuição do sítio.

A terceira hipótese que foi investigada neste TCC foi de reocupação da área, partindo da perspectiva de que este material não foi deslocado. Entretanto, como não há uma estratigrafia que confirme essa hipótese, seu desenvolvimento fica impossibilitado, pelo menos por enquanto.

Há de se considerar que povos indígenas ceramistas, ocuparam este local em determinado momento e desocuparam-no por alguma razão. Os motivos que o levaram a deixar o lugar, podem ser diversos como: conflitos com outros grupos étnicos; conflitos com colonizador; mudanças por questões sazonais; questões de recursos e matéria prima etc.

Independentemente da situação sabe-se que algum tempo após a “desocupação do local pelos povos indígenas”, pequenos produtores de cacau se instalaram para a região e prosperaram, ao menos por algum tempo, como apresentado no capítulo 2.

É interessante pensar também nas razões que levaram esses grupos tão diferentes a ocuparem essa área. Talvez o fato de a região possuir elementos geográficos favoráveis a agricultura, tenha motivado tanto os agricultores-ceramistas, quanto os produtores de cacau a viverem ali. De certa forma, é possível que haja certa semelhança nos padrões de assentamento desses dois grupos, visto que possuem um mesmo motivo em comum: uma cultura de subsistência através do plantio.

CAPÍTULO 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos desafios desse TCC foi a elaboração de um referencial teórico que abrangesse as nuances da interpretação de um pesquisador. Durante a pesquisa, foi constatada a importância de estudar as estruturas do pensamento científico que norteia principalmente as ciências sociais e humanas no que tange as informações adquiridas através da estruturação de um pensamento empírico, construído em bases positivistas e metodológicas, guiadas pelas leis da ciência moderna.

Devido a falta dos perfis estratigráficos que permitissem uma análise espacial intra-sítio, as discussões teóricas não foram desenvolvidas satisfatoriamente na apresentação dos dados no capítulo 4. Isso se deu devido a falta de informações e dados que permitiriam uma relação entre o espaço e a cultura material.

Apesar de não ter sido aprofundada a questão da análise espacial, os objetivos do TCC foram reorganizados e adaptados às limitações do trabalho. Devido a esta adaptação, todos os objetivos do TCC foram respondidos satisfatoriamente.

Como sugestão para averiguar de forma mais detalhada o processo de formação deste sítio arqueológico, é recomendado fazer uma nova escavação no sítio priorizando o controle estratigráfico averiguando a micromorfologia de solos, além da caracterização geoarqueológica e da paisagem. A ampliação da área de pesquisa e obtenção de datações também são fundamentais. Todas as sugestões são para compreender o contexto ocupacional no qual o sítio está inserido. Cabe destacar também que, este TCC é um exemplo de contribuição mútua entre a arqueologia preventiva e a acadêmica ao conhecimento regional.

Concluindo, essa pesquisa contribuiu fundamentalmente para o amadurecimento pessoal em relação à pesquisa arqueológica, motivando uma possível continuidade deste trabalho numa dissertação de mestrado

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, M. O processo interétnico em uma feitoria quinhentista no Brasil. *Revista de Arqueologia*, 7: 99-123, 1993.
- ARAÚJO, A. C. M; GOUVEIA, L. B. Uma Revisão Sobre Os Princípios Da Teoria Geral Dos Sistemas. *Revista Estação Científica nº 16*. Juiz de Fora, 2016.
- AZEVEDO NETTO, C.X de, DUARTE P, OLIVEIRA A.M.P de. A presença da Tradição Nordeste na região do Cariri Ocidental: Questões classificatórias. *FUMDHAMentos IX–Atas do Congresso Internacional de Arte Rupestre da IFRAO*. São Raimundo Nonato, 2009.
- BARBOSA, B. F. *Paranambuco: Herança e Poder Indígena Nordeste Séculos XVI - XVII*. 1a ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2007.
- BERTOLINI, W. Z.; VALADÃO, R. C. A abordagem do relevo pela geografia: uma análise a partir dos livros didáticos. *Terræ Didática*. Campinas, v. 5, n. 1, p. 27-41, 2009.
- BORGES, M.A.G. A compreensão da sociedade da informação. *CI. Inf.*, Brasília. Brasília, v. 29, n. 3, p. 25-32, set./dez. , 2000.
- BRANDÃO, R. T. P. Estruturalismo e pós-estruturalismo: uma arqueologia dos conceitos e o lugar ocupado por Foucault. *Periódicos UNIFAP*, Macapá, v. 5, n. 1, p. 33-46, jan./jun. 2015
- BROCHADO, J. P. A tradição cerâmica Tupiguarani na América do Sul. *Clio 3*. Recife, 1980: 47-60.
- CARLOS, A. F. A. A Geografia brasileira, hoje: algumas reflexões. *Terra Livre*, São Paulo, ano 18, v. 1, n. 18, jan./ jun. 2002, p. 161-178.
- CHIAVENATO, I. *Introdução à Teoria Geral da Administração*. 3ª Edição. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil.1983.
- CHIAVENATO, I. *Introdução à Teoria Geral da Administração*. São Paulo: Makron Books, 1993.
- CHMYZ, I. *Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica*. Cadernos de arqueologia. Paraná, 1976.

CLARKE, D. L. *Analytical archaeology*. Columbia University Press. New York, 1978.

ETCHVARNE, C. A ocupação humana no Nordeste brasileiro antes da colonização portuguesa. *Revista USP*, N°44. São Paulo, 1999/2000.

ETCHVARNE, C; PIMENTEL, R. *Patrimônio arqueológico da Bahia*. Salvador, BA. SEI, 2011.

FOUCAULT, M. Estruturalismo e pós-estruturalismo. In: MOTA, M. (Org.). *Michel Foucault Ditos e Escritos II: Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FUNARI, P. P. A.; NOELLI, F. S. *Pré-História do Brasil*. 1a ed. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

GALLAY, A. *L'archéologie demain*. Tradução: E. Fogaça, 2002.

GARCIA, I. *Variações no padrão decorativo da Tradição Tupiguarani nos sítios arqueológicos identificados na FIOL e entorno*. Relatório Final de iniciação científica. Goiânia, 2020.

GARCIA, I. *Um Lugar Para Chamar De Lar: Um Estudo Sobre as Multi-Ocupações do Sítio Mirabela 6 Através da Análise Cerâmica e Estudo Etnográfico*. Relatório Final de iniciação científica. Goiânia, 2021.

GARDIN, J. *Modèles discursifs et transfert de connaissances en archéologie. La mise à l'épreuve. Le transfert des connaissances scientifiques en questions*, p. 25-41. Paris, 2009.

GRIPHUS. *Projeto de Resgate Arqueológico, Histórico e Cultural da Área Direta e Indiretamente Afetada pela Implantação da Mineração de Níquel Mirabela*. Ipiáú – BA., Goiânia, Griphus, 2009.

HODDER, I. *Interpretación em arqueologia. Crítica/Arqueologia*. Barcelona, 1994.

KAULICKE, P. *Lo Andino y lo no Andino. Perspectivas arqueológicas comparativas entre las tierras bajas y las tierras altas*. *Revista Brasileira de Lingüística Antropológica*, v. 5, n. 1, p. 17-29. Brasília, 2013.

KROEBER, A. Anthropology: race, language, culture, psychology and prehistory. New York: Brace; 1948.

LAMEGO, A. R. O Homem e o Brejo. Rio de Janeiro, RJ: IBGE, 2007.

LIMA, T. C. S de; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. Revista Katálysis, v. 10, n. SPE, p. 37-45. Santa Catarina, 2007.

MARTIN, G. Pré-História do Nordeste do Brasil. 5a edição. ed. Recife, PE: Editora Universitária da UFPE. Pernambuco, 2008.

MARTIN, G. O povoamento pré-histórico do vale do São Francisco (Brasil). Clio-Série arqueológica-UFPE, v. 1, n. 13, p. 9-41. Pernambuco, 1998.

NIMUENDAJÚ, C. Mapa etno-histórico de Curt Nimuendajú. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Brasil, Rio de Janeiro, 2017 [1944].

MILLER, T. O J. Teoria antropológica e arqueológica: convergências e divergências. UFRN. Rio Grande do Norte, 2019.

NOELLI, F. S. The hypothesis about origin center and expansion of the Tupian. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 39 (2): 7-54, 1996.

PROUS, A. O Brasil antes dos brasileiros: a pré-história do nosso país. Editora Zahar. Rio de Janeiro. Brasil, 2006.

RIBEIRO, L. Os Significados das similaridades e dos contrastes entre os estilos rupestres: um estudo regional das gravuras e pinturas do Alto-Médio Rio São Francisco. USP. São Paulo, 2006.

RIBEIRO, M. S. Arqueologia das práticas mortuárias: uma abordagem historiográfica. Editora Alameda. São Paulo. 2008.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M. Arqueologia em perspectiva: 150 anos de práticas e reflexão no estudo de nosso passado. São Paulo. Revista USP, 1999/2000.

ROCHA, L. B. A região cacauera da Bahia – Dos coronéis à vassoura-de-bruxa: saga, percepção, representação. Ilhéus, BA. Editus, 2008.

ROCHA, B. C. Arqueologia pelas gentes. Revista de Arqueologia, v. 26, n. 1, p. 130-140. Brasil, 2013.

SCATAMACCHIA, M. C. M. Proposta de Terminologia Para a Descrição e Classificação da Cerâmica Arqueológica dos Grupos Pertencentes à Família Linguística Tupi-Guarani. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo, 2004.

SILVA, F. A. Etnoarqueologia: uma perspectiva arqueológica para o estudo da cultura material. Revista Métis: História & Cultura. Caxias do Sul, v. 8, n. 16, 2009.

SILVA, L.L. GONZÁLEZ, J.A. David L. Clarke: Propositiones para uma arqueologia teórica. Arqueologia y ciencia: primeras jornadas. Museo de Historia Natural del Chile. Santiago, 22 – 26 de 1983.

SOUZA, E. Análise do Material Lítico dos Sítios Mirabela. Ipiáu – BA. In: TELLES, M.; PELLINI, J. Projeto de Resgate Arqueológico, Histórico e Cultural da Área Direta e Indiretamente Afetada pela Implantação da Mineração de Níquel Mirabela. Ipiáu – BA, Relatório Técnico, Goiânia, Griphus, 2008, p. 154-168.

TRIGGER, B. G. História do pensamento arqueológico. São Paulo. Editora Odysseus, 2ª edição. São Paulo, 2004.

ZIPF, G. K. Human behavior and the principle of least effort: An introduction to human ecology. Raven Books. Laurence, Kansas, 2016.